3 1761 06976565 9

Digitized by the Internet Archive
in 2010 with funding from
University of Toronto

http://www.archive.org/details/obrasaran00aran

OBRAS

DO

Litterato Amazonense

Bento de Figueiredo Tenreiro Aranha

2.ª EDIÇÃO

Mandada reeditar pelo Estado do Amazonas durante a administração

DO

EX.mo SR. CORONEL JOSÉ CARDOZO RAMALHO JUNIOR

LISBOA
TYP. DA COMPANHIA NACIONAL EDITORA
MDCCCXCIX

Obras Litterarias

DE

Bento de Figueiredo Tenreiro Aranha

Natural da Villa de Barcellos
capital d'antiga capitania do Rio Negro, agora Provincia do Amazonas

QUE AO

Senhor D. Pedro 2.º, Imperador do Brazil

D. e O.

João Baptista de Figueiredo Tenreiro Aranha — 1º Presid
filho do Autor da Provincia
do Amazona

PARÁ — 1850
Typographia de Santos & Filhos

DG
9677
A772
1899

A Vossa Magestade Imperial dedico as obras litterarias de meu fallecido pai, por que umas fez elle em honra da Monarchia, e das acções preclaras dos Excelsos Antepassados de Vossa Magestade Imperial; outras em louvor de varões prestantes que, á gloria d'Elles e do paiz, se distinguirão por feitos memoraveis, e de pessoas cujas virtudes deviam ter-se por exemplares. Umas e outras, por serem de litteratura, tambem pertencem a Vossa Magestade Imperial, que é protector das lettras, e tem o mais eminente lugar entre os sabios no Instituto Historico Brazileiro, onde já honrosa mensão se fez destas mesmas obras; e todas em summa, por serem do primeiro vate do Amazonas, vão ser dadas em primicias a Vossa Magestade Imperial, pela elevação d'essa nova Provincia no presente anno.

Talvez, Senhor, pareça de pouco vallor, por ser de pequeno volume, o que offereço das ditas obras; eu porém as tenho em alto aprêço, pelos motivos sobreditos, e por que, tendo-se perdido todas, a muito custo tornei a haver as que consagro a Vossa Magestade Imperial, e são producções ingenuas de uma fonte pura, a melhor herança que me ficou de um virtuoso pai.

Com a dita de beijar a Mão Augusta de Vossa Magestade Imperial, em Petropolis, tambem tive a de ser-me permittida esta oblação que..... .....
....
.....
.....
faço, com os votos puros do mais profundo acatamento, no presente e tão propicio Anniversario, em que o Céo dilata e assegura a ventura e gloria dos Brazileiros.

Sou

De Vossa Magestade Imperial, Senhor

Subdito fiel e submisso

Em Belem do Grão-Para a 2 de Dezembro de 1850.

João Baptista de Figueiredo Tenreiro Aranha.

Artigo biographico

o n.º 6 da Revista Trimensal da Historia e Geographia, ou Jornal do Instituto Historico Geographico Brazileiro, pag. 255, passou a ser reimpresso e publicado no Jornal do Commercio n.º 8 de 10 de Janeiro de 1841, com licença do Secretario perpetuo do mesmo Instituto, o seguinte:

Bento de Figueiredo Tenreiro Aranha

«Nasceu na villa de Barcellos, antiga cabeça de comarca do Rio Negro, no dia 4 de Setembro de 1769. (1)

«A sua ascendencia he huma das mais honestas e distinctas do Pará. Seu pai, Raimundo de Figueiredo Tenreiro era filho de Bento de Figueiredo Tenreiro, capitão-

---

(1) O Snr. Baena no seu Ensaio Corographico sobre a provincia do Pará, aqui impresso no anno de 1839, tratando da Villa de Barcellos, á pag. 388 e 390, diz assim:

«*Barcellos:* Villa creada em 1758 pelo Governador do Pará Francisco Xavier de Mendonça Furtado, e Capital da extincta Capitania do Rio Negro, tendo sido até então Aldêa de Mariná missionada pelos Carmelitas depois que o Principal Camandre da Cabilda dos Manáos a rogos de sua mãi convocou um dos ditos Missionarios, que encontrou andando á pesca.»

mór da villa de Gurupá (1), e provedor da fazenda real no Pará; e sua mãi, D. Thereza Joaquina Aranha, era filha do capitão-mór da mesma provincia Manoel Guedes Aranha, descendente de Bento Maciel Parente, governador e capitão general do estado do Maranhão e Gram-Pará, e donatario do Cabo do Norte.»

«Bento de Figueiredo Tenreiro Aranha perdeu seu pai na primeira infancia, e apenas completos sete annos de sua idade ficou tambem sem mãi. Em sua orphandade foi entregue aos cuidados de hum tutor que, apezar de o fazer aprender as primeiras letras, não soube reconhecer os talentos de seu pupillo, para os applicar convenientemente, antes o conduzio á solidão da roça, a que Tenreiro não se podia accommodar.»

«Tocando a idade de doze annos, sentio mais vivo o seu desejo de se entregar ao estudo das bellas-letras, e com este designio procurou o amparo de seu padrinho o arcipreste e vigario geral José Monteiro de Noronha, que, applaudindo e favorecendo este designio de seu afilhado, e de accordo com o juiz de orphãos, o mandou estudar no convento de S. Antonio, onde, completando os seus estudos preparatorios, se passou para as aulas maiores dos Padres Mercenarios, sob a direcção do padre mestre Fr. João da Veiga, cunhado do vigario geral Noronha, e ahi aproveitou muito, desenvolvendo pasmosamente os seus talentos.»

«Aos 19 annos de sua idade, Tenreiro Aranha aprompta-va-se a ir completar os seus estudos na universidade de Coimbra, mas foi embaraçado neste seu projecto pela falta de meios que lhe causára hum sequestro da fazenda real sobre os bens herdados de seu avô. Removido do seu proposito, elle se deixou captivar do amor que em

---

«No recinto desta Villa nasceo Bento de Figueiredo Tenreiro Aranha, mui distincto pelo engenho Lyrico de que o dotara a natureza. Ha impressas deste homem já ha muito fallecido duas obras em versos, e uma em prosa: entre os seus manuscritos ha uma Ode Pindarica ao Governador Gama do Rio Negro frazeada com tanta energia de expressão e pompa de harmonia que ella só pode servir de baze, em que assente o seu merecimento poetico com tal firmeza que nenhuma censura o possa derruir.»

(1) Aliás do — Guamá.

sua alma accenderão os encantos e virtudes de D. Rozalina Espinoza, filha de hum official militar vindo de Portugal para servir na provincia do Pará, e com ella se casou.»

«Tomado este novo estado, figurou-se-lhe a vida retirada mais conveniente e aprasivel, e assim foi viver em huma fazenda dentro da jurisdicção da cidade onde em socego se deu mais afincadamente ao estudo das bellas-letras e aos cuidados ruraes.»

«Tendo conhecimento o governador e capitão general, Martinho de Souza Albuquerque, das boas qualidades de Tenreiro Aranha, não soffreu que permanecesse em retiro quem podia ser mais util á patria nos empregos publicos; por isso, com a patente de alferes de milicias, o nomeou director de Oeiras, villa de Indios: Tenreiro obedeceu logo a este convite e deliberação da primeira autoridade de sua patria. De sua excellente direcção resultou hum geral contentamento dos indigenas dessa villa, augmentando-se sensivelmente os productos de seu trabalho, e o numero da população, pelo incremento de muitos Indios, que, attrahidos das selvas por suas maneiras conciliadoras, vierão engrossar o rebanho de Christo, ao qual Tenreiro consagrava tambem particulares cuidados.»

«D. Francisco de Souza Coutinho, que succedêra no governo da provincia a Martinho de Souza, e que, segundo as suas informações ao gabinete de Lisbôa, esperava huma lei que abolisse o directorio dos Indios, satisfeito do comportamento de Tenreiro Aranha no regimen economico da directoria de Oeiras, e do desinteresse que assaz o extremara de muitos directores ambiciosos e desabridos, não quiz que Tenreiro se achasse ainda director quando chegasse a mencionada lei, para não ser confundido com os outros que serião então demittidos; e afim de mostrar-lhe que os seus merecimentos lhe occupavão a attenção, elevou-o ao posto de capitão de caçadores do seu mesmo regimento, e conferio-lhe o lugar de escrivão da abertura da alfandega do Pará.»

«Tenreiro Aranha não deixou no exercicio destes seus novos encargos de merecer de mais a mais o honroso conceito do seu governador; mas por fim foi victima de

insidiosas machinações e negras calumnias, movidas por occasião da discordia que rebentára entre o governador, o bispo D. Manuel de Almeida de Carvalho, e o juiz de fóra Luiz Joaquim Frota de Almeida, de quem era fiel e extremoso amigo. O seu officio da alfandega foi logo transferido para outro individuo que com lisonjas soubera amar a graça do governador. Recolheu-se de novo Tenreiro Aranha á solidão do campo, até que o conde dos Arcos, investido no governo, e inteirado da injustiça que se lhe fizera, o chamou para o emprego de escrivão da mesa grande do Pará, que lhe foi confirmado vitalicio pelo principe regente D. João.»

«Bento de Figueiredo Tenreiro Aranha falleceu no dia 11 de novembro de 1811 (1).»

«Cábia agora annunciar os diversos talentos deste honrado Paraense pela mesma ordem com que elle os manifestou em seus escriptos, mas a falta de noticias exactas faz com que sejamos parcos em tal materia, contentando-nos de annunciar unicamente o que tem chegado a nosso conhecimento, e que de certo basta para acreditar a memoria de Tenreiro Aranha como de um distincto litterato.»

«De suas obras humas se imprimirão avulsas, outras de todo se tem perdido. Passarão pelo prelo huma ode horaciana ao governador e capitão-general Martinho de Souza e Albuquerque, onde a gratidão de mãos dadas com a verdade, expressou louvores em sublime phrase; e huma oração feita por occasião do nascimento da Snr.ª D. Maria Izabel, infanta de Portugal, que foi recitada na residencia do juiz de fóra Luiz Joaquim Frota de Almeida. N'esta oração brilhão os liberaes sentimentos de que já era possuido n'aquelle tempo o illustre Paraense. Querendo elle mostrar as vantagens das monarchias justas, fundadas na equidade e na razão, dirigidas por leis e consagradas pela religião, diz assim: «Rastejão e emitão de algum modo a força, a unidade, a ordem, e aquella acção rapida, poderosa e simplicissima com que o Ente Supremo, desde o alto do seu throno magestoso, rege e

(1) Foi a 25 de Novembro de 1811.

modera o universo.» Depois, continuando o mesmo pensamento, diz assim: «Seja para sempre detestado o sceptro da tyrannia: seja banido e desterrado para os confins desses barbaros climas onde, desconhecida ainda a dignidade do homem, perpetúa a ignorancia o seu jugo infame sobre milhões de escravos.»

«Das poesias manuscriptas, dramas, cantatas, idyllios, sonetos, etc., só escaparão á voracidade do descuido (1), huma ode pindarica ao governador do Rio Negro, Manoel da Gama Lobo de Almada, e hum soneto á Mamaluca Maria Barbara, mulher de hum soldado do regimento de Macapá, cruelmente assassinada no caminho da Fonte do Marco, por não querer adulterar; e he o seguinte:

SONETO

Se acaso aqui topares, caminhante,
Meu frio corpo já cadaver feito,
Leva piedoso com sentido aspeito
Esta nova ao esposo afflicto, errante.

Diz-lhe como de ferro penetrante
Me viste por fiel cravado o peito,
Lacerado, insepulto, e já sujeito
O tronco fêo ao corvo altivolante:

Que d'hum monstro inhumano lhe declara,
A mão cruel me trata d'esta sorte,
Porém que allivio busque á dôr amara,

Lembrando-se que teve uma consorte,
Que, por honra da fé que lhe jurára,
A' mancha conjugal prefere a morte.

(1) As obras, com outros bens, do Tenreiro Aranha estavão bem guardadas como se fossem reliquias de muita veneração em sua casa no aprasivel sitio da Memoria, perto desta Cidade de Belem, e o filho do Autor tinha apromptado uma copia ou collecção dellas, com o designio de as publicar nos Estados Unidos, ou na Corte do Rio de Janeiro para onde foi emigrado no anno de 1832. Mandou ir a dita collecção em um volume com outros papeis e livros para a Fazenda Pinheiro, onde estava á espera de um Brigue prestes a seguir viagem; mas o bote em que ia essa parte de

Omittimos outras muitas poesias do mesmo Tenreiro Aranha, compostas por diversos motivos, e em diversas occasiões em que o seu patriotismo se fizera sempre manifestar brilhante e sublime, por não ser de nossa tarefa transcrever todas as suas composições. Tenreiro cantou em muitas poesias a trasladação da familia real portugueza para o Brazil, e parece bruxolear desde então, a independencia e futuros destinos da nossa patria (1).

---

sua bagagem naufragou, e perderão-se todos os objectos que levava, salvando-se apenas os conductores a nado, e uns pequenos bilhetes dentro de uma caixinha de folha de flandres: o portador de tudo era o cidadão Victorio de Figueiredo Vasconcellos, que bem sabe dessa perda. Os escriptos originaes das mesmas obras continuarão a estar guardados na casa a cima dita; mas esta foi invadida e saqueada pelos rebeldes no anno de 1835, e foi outra vez no anno de 1836 pelos *conquistadores* que no anno de 1838, estando o filho do Autor na Corte, acabarão de a destruir, tirando della tudo quanto ainda restava. E' pois á *voracidade* desses destruidores, e não á do descuido a quem se deve atribuir a perda das obras e de outros bens do Tenreiro Aranha.

O Dr. Patroni, seu parente, sentio, descrevêo e fez sentir em um poema — As ruinas da Memoria.

(1) Parece que não era — *bruxolear* —, por que o sabio e poeta podia antever e prognosticar a independencia e futuros destinos do Brazil. Veja-se o seu ultimo Drama feito em 1808.

OBRAS LITTERARIAS

DE

BENTO DE FIGUEIREDO TENREIRO ARANHA

Que se tinhão perdido,
e vão sendo achadas a muitas diligencias, e recopiladas (*)
pelo Filho do Autor

(*) Ainda outras muitas não tem apparecido.

ORAÇÃO

OU

Breve discurso

feito por occasião do felicissimo nascimento da serenissima senhora

D. MARIA IZABEL,

Infanta de Portugal,

Para se recitar nas casas da residencia

DO

Doutor Luiz Joaquim Frota de Almeida,

Juiz de Fora da Cidade do Para no anno de 1798

OFFERECIDO AO SENHOR

José Gonçalves da Silva,

Cavalleiro Professo na Ordem de Christo, Fidalgo da Real Casa,
e Coronel de Milicias no Estado do Maranhão

POR

Bento de Figueiredo Tenreiro Aranha

Natural do Pará.

IMPRESSO EM LISBOA NO ANNO DE 1807

Na officina de Simão Thadeo Ferreira.

Com licença da meza do Desembargo do Paço

Vereis amor da Patria, não movido
De premio vil; mas alto, e quasi eterno:

Cam. Lus. *Cant. I. Est. 10.*

Daquella Portugueza, alta excellencia,
De lealdade firme e de obediencia.

Id. Cant 5. Est. 72

SENHOR JOSÉ GONÇALVES DA SILVA.

EM qualquer parte, e em todo o tempo, onde a virtude se ache, merece as nossas homenagens. O vassallo honrado, e fiel ao seu Principe, e ao seu Paiz; o bom patriota, o homem generoso, e sensivel he hum Cidadão de todo o mundo, he digno de ser conhecido, e proposto como hum modêlo a todos os homens. Estas reflexões bastarião para que eu houvesse de offerecer a V. SENHORIA este limitado tributo de huma veneração a mais justa, e a mais sincera; ainda quando não concorresse a razão de se achar esta Capitania, onde a Providencia tem fixado a minha existencia, tão proxima, e visinha a essa, que V. SENHORIA illustra com as suas virtudes.

Nella descançam tambem as cinzas de alguns dos meus Antepassados; e ambas estas Capitanias formarão largo tempo hum só Estado, cujas relações fysicas, e politicas união estreitamente os seus habitantes; os quaes ainda hoje se devem considerar animados pelo mesmo espirito, e ligados pelos mesmos vinculos, e interesses; pois que tanto huns, como outros vivem debaixo da mesma zona, pisão a mesma terra, e respirão á sombra do mesmo Throno, e das mesmas Leis.

Sobre estas razões se firmarão as outras, que mais forte, e principalmente me moverão, e me determinarão

na occasião presente; quero dizer, os proprios feitos, e as virtudes de V. Senhoria, representadas pela sua reputação, e pela fama em toda a parte; as vozes dos infelizes, que V. Senhoria tem arrancado dos braços da miseria, e da desgraça; os muitos, e brilhantes testemunhos de beneficencia, de generosidade e daquella grandeza d'alma, que o caracterizão, e que fazem repetir o seu nome até nos lugares distantes; o nobre uso, que sabe heroicamente fazer dos meios, e dons, que recebeu da Providencia, como um fiel depositario, ou digno instrumento da mesma, sujeitando constantemente a fortuna (o que é assaz difficil) ao imperio da razão, e da virtude, e não estas ao capricho, e á tyrannia daquella, como quasi sempre succede; mas sobre tudo o seu patriotismo consagrado ao bem publico em tantos, e tão repetidos actos; e aquelle espirito de vassallagem, e de fidelidade verdadeiramente Portugueza, com que V. Senhoria nestes ultimos, e calamitosos tempos deo de si voluntario as mais altas provas ao Soberano, á Patria, ao Maranhão, a todo o Brazil, e ainda a toda a Monarchia, ou ao Mundo todo: raro exemplo de generosidade e de zelo, que no seu genero, e em taes circumstancias não teve outro igual! Eis aqui os grandes motivos, e as principaes razões, que hoje me transportão daqui mesmo até o lugar, onde V. Senhoria habita, e que movem a minha alma naturalmente sensivel ás vivas impressões, que nella produz a imagem do merecimento, e da virtude, e a contemplação grata, e suavissima das acções bellas, e dignas de louvor.

Não posso referir, e individuar aqui as de V. Senhoria, porque são muitas, e nem poderiam já mais resumir-se em huma breve Carta. São, além disso, assáz notárias, e não necessitão de outros louvores; porque já se achão qualificadas, e repetidas pela voz publica, e elogios do mesmo Soberano nos honorificos Decretos, com que tem dado a V. Senhoria as mais expressivas demonstrações do seu Real Agrado, e Satisfação. Feliz o vassallo que as merece, e todo o Cidadão, que no tempo da afflicção e do perigo concorre para sustentar a Patria, como huma das suas firmes columnas, offerecendo, e empregando opportuna, e liberalmente em serviço, e soccorro della o

precioso fructo das suas fadigas, dos seus suores, e da sua industria, que os outros homens pela maior parte adorão, e com tanto aferro, e egoismo guardão, e só para si reservão. E feliz o Principe, e o Paiz, que tem destes vassallos, e Cidadãos benemeritos; e que não desperdiçando com outros menos dignos as suas graças, e os seus premios, os fazem brilhar, e reluzir naquelles, em quem honrão ao mesmo tempo a justiça, e o merecimento. O de V. Senhoria foi pois sómente o que lhe teceo, e pôz sobre a cabeça a coroa civica; coroa essa devida a V. Senhoria, e dignamente representada nas Mercês, e Honras, com que a Real mão tem magnificamente decorado a V. Senhoria, podendo-se-lhe ainda depois de tudo isto dizer, ou applicar o que a respeito de outro disse hum dos nossos Poetas:

E se o não fosses nas mercês presentes,
Eras digno de o ser, que he mais que tudo.

Finalmente nada mais crêio que devo por agora aqui dizer, ou accrescentar senão que me pareceu summamente acertado, e justo offerecer-se a V. Senhoria a breve Oração, ou Discurso feito em applauso do Nascimento de huma das Augustas Filhas dos nossos Clementissimos Principes. Elle me deo occasião de arranjar algumas idéas, e exprimir os meus sentimentos relativamente ao Systhema, ou Governo Monarchico-Hereditario, mostrando ao mesmo tempo as vantagens deste sobre todos os outros, quanto me permittia a brevidade, e o caracter de huma peça da natureza desta. Daqui passei a tocar sobre algumas das excellencias, e prerogativas, que distinguem, e exaltão a Monarchia Portugueza entre todas as outras, fundando os meus principaes argumentos, ou as minhas provas nas virtudes hereditarias, caracteristicas, e reciprocas dos seus beneficos Principes, e dos seus leaes vassallos; na bondade das suas Leis; mas sobre tudo na Religião, e na Piedade Nacional. Parece-me que na conjunctura, e actual crise dos acontecimentos presentes, entre a fermentação das idéas novas, ou espirito de vertigem, que tem assinalado a nossa idade, nada podia ser mais interessante, e mais agradavel

a todo o genio digno de se chamar Portuguez, do que a fiel representação, ou ao menos hum resumo das ditas verdades. Assim se firma cada vez mais o amor de cada hum á sua Religião, ao seu Principe, ao seu Paiz, e á sua Constituição. E como estes são os sentimentos, que mais resplandecem, e especialmente caracterizam a V. Senhoria, esta offerta não deixará de lhe ser agradavel pelo seu motivo, e circumstancias, posto que em si mesma tão pequena; e deste modo já antecipadamente me lisongeo de que com ella consegui o duplicado fim de lhe fazer este tal, ou qual obsequio, e ao mesmo tempo de dar a V. Senhoria aqui mesmo de longe hum publico testemunho da justa estima, ou da sincera veneração, e respeito que lhe consagro.

Espero que V. Senhoria benignamente o receba; e que desculpando a pobreza da offerta, e os defeitos do seu Author em attenção á bondade do objecto, e das intenções, que a formárão, se sirva igualmente de me honrar com os seus preceitos. Serei tão fiel, e sollicito em os executar, quanto o sou em desejar a V. Senhoria uma successão de felicidades, e todo o bem, para que por dilatados annos o continúe a fazer em utilidade publica, e particular de tantos, que nisso verdadeiramente se interessão, como eu, que com a possivel consideração sou

De V. Senhoria

O mais reverente, e sincero venerador, e fiel criado,

Bento de Figueiredo Tenreiro Aranha.

Discurso

Não he esta a primeira vez, Senhores, que hum espirito fraco, excitado pelo estimulo, e presença de um motivo poderoso, sahindo dos estreitos limites, que lhe forão prescriptos desde o berço, se abalança a huma empresa summamente superior ás suas forças naturaes. O extremo alvoroço, a profunda sensação de hum prazer extraordinario com a faustissima noticia, que acabamos de receber, avivada, e dilatada neste momento feliz pelo energico Discurso do Sabio, e dignissimo Magistrado, cujo zelo patriotico, resplandecendo hoje entre as demais virtudes, que o caracterizão, nos attrahio a este lugar, abala, e occupa toda a minha alma. Ella porem não acha meio mais proprio para desafogar os seus sentimentos, e corresponder á honra de tão grato convite, do que, seguindo as mesmas idéas, que elle nos propôz, imitar seu claro exemplo, e com a luz, que recebe delle, demorar mais alguns momentos a vossa attenção sobre o digno Objecto da nossa alegria. Tal he para todos os Portuguezes o Felicissimo Nascimento da Serenissima Senhora D. Maria Izabel, Infanta de Portugal; Nascimento, em que vemos continuadas sobre nós as bençãos do Céo, perpetuada a Successão dos nossos amaveis, e Soberanos Bemfeitores, dos nossos Augustos Pais, desempenhada constantemente a Protecção Divina, e firmada em novos fundamentos a honra immortal do nome Portuguez, a nossa dita, a prosperidade publica.

E quem duvidou já mais de que todas estas vantagens inestimaveis são o fruto precioso da conservação dos nossos amabilissimos Principes? Qual de vós duvidará de que d'Elles depende a da Monarchia? E de que, sendo este o mais feliz, e o melhor de todos os Governos, he, e tem sido sempre a Monarchia Portugueza a mais

distincta, ou a mais justa, e a mais gloriosa entre todas? Destes dois principios se deduz toda a felicidade, que hoje logramos: e como he clara, e manifesta a connexão, que tem com o seu Objecto, nelles se estribará tambem o meu discurso. Discurso breve, e inferior ao seu nobre argumento, digno de outra extensão, e de outra eloquencia, e digno por si mesmo de interessar a vossa attenção. Nada direi, que vos seja estranho, e desconhecido; mas tocando, e suscitando ligeiramente as primeiras idéas deste grande Assumpto, deixarei á vossa reflexão o prazer de as desenvolver, e dilatar.

Apenas o genero humano, sahindo da infancia, perdeu aquella amavel singeleza, que os Poetas nos figurárão no seculo de Saturno, e que os Livros Santos, fieis depositarios da verdadeira historia do mundo, reduzem aos remotos tempos de Nenrod; apenas se gerárão as desordens, e os crimes do corrupto fermento das paixões, e crescendo estas sobre as ruinas da justiça primitiva, violárão os sagrados limites, que a mesma estabeleceo a cada individuo; apenas se vio perturbada pela avareza, e pela ambição, pelo orgulho, e pela vingança aquella doce tranquillidade, de que gozárão os nossos Progenitores, occupados nos honestos exercicios da sua vida frugal, ou á sombra de frondosos arvoredos, ou no seio pacifico de suas choupanas, entretecidas de ramos, sempre abertas, e patentes entre amor, e o respeito de uma familia simples, e virtuosa, que com a sua innocencia, e temperança lhes servia de muro, e de defeza; apenas se multiplicárão com os mesmos homens as suas miserias, e dividida já em numerosos bandos a grande familia do genero humano, se vio dilacerada pelos individuos da mesma especie, atacada a sua segurança pessoal, e os seus outros direitos expostos ao insulto, e á violencia de seus irmãos degenerados; achou então que devia perder huma parte da sua primitiva igualdade para conservar as outras prerogativas; e não descubrindo nas urgentes circumstancias do seu estado pervertido outro meio para o melhorar, e diminuir os seus males, reconheceu em fim pela mesma triste experiencia, que tinha destes, e pela luz inextinguivel da razão, despertada, e soccorrida por essa Mão Divina, que em todos os tempos sustentou, e

manteve a sua Obra, a necessidade indispensavel, que tinha de confiar a sua conservação a huma Authoridade Suprema, a qual servindo-lhe de abrigo na tormenta, e concentrando-se em si a força publica, fosse ao mesmo tempo a depositaria perpétua dos direitos de cada individuo, o instrumento, e executor do bem geral, a columna do fraco, o freio do poderoso, o vingador do crime, o defensor da innocencia, o protector, e o conservador da honra, da liberdade, da vida, e da fortuna dos outros homens.

Com estas brilhantes qualidades apparecerão os Reis sobre a terra, traçando nella a Imagem Augusta da Divindade, quaes outros Deoses, ou como seus substitutos, e Lugar-Tenentes, e huma especie de Medianeiros, e Executores dos Decretos Supremos, a fim de supprirem de algum modo a distancia immensa, que ha entre o mesmo Deos, e os homens. Que caracter! Que esplendor! Que titulo! Que dignidade!

Tal he a origem das Monarchias, e taes são os fundamentos, sobre que apparecerão collocados os primeiros Thronos do mundo, a quem o resto do Universo, por um pacto solemnissimo, e por um concerto assinado em seu nome, e das gerações futuras, offereceo logo o voluntario tributo das suas homenagens, e prestou o indissoluvel juramento de perpetua fidelidade não só á Pessoa Sagrada dos Reis; mas até aos seus Descendentes mais remotos. Assim se devia retribuir, e ao mesmo tempo estimular a virtude desses Genios escolhidos, que pelo amor do bem publico se sujeitarão ao pezo immenso do Reinado: Assim se devião logo separar dos mais viventes essas familias privilegiadas, cujos individuos, anticipadamente destinados para tão grande fim, aprenderião desde o berço a fazer felices aos outros homens, a vellos, e amallos, como filhos: Assim superiores pelo seu estado, e educação a certas paixões vis, e grosseiras, que produz a rivalidade, e que a igualdade nutre, olharião como proprio todo o bem daquelles, de cuja conservação depende a sua, e de cuja prosperidade a sua gloria, cuidando em os deixar, e transmittir contentes, e affortunados, como huma herança a mais preciosa, aos Successores do seu Throno.

Já vêdes, Senhores, que eu não fallo aqui senão das Monarchias Hereditarias, a quem só quadrão estes brilhantes caracteres. Eu vos fallo desses Governos tão solemnemente instituidos, tão respeitaveis pela sua ancianidade, qualificados pelo mais irrefragavel dos testemunhos, firmemente estabelecidos no consenso universal de todas as gentes. Aqui reforçaria o meu discurso, e se acaso não temesse fatigar antes de tempo a vossa attenção e faltar á promettida brevidade, aqui multiplicaria provas, e faria ver em toda a extensão os motivos, e vantagens, que exaltão, e firmão solidamente esta fôrma de governo sobre todos os outros, em que depois se evaporou a volubilidade humana, e o espirito de ambição, e de novidade.

Conduzido pela luz da razão, e da historia, e firmado na authoridade dos Publicistas mais graves, eu vos mostraria que elle, e nenhum outro succedeo immediatamente, e conserva ainda, por hum modo eminente, aquelles governos justos, e primitivos, que a sabia natureza estabeleceo entre as familias de nossos Pais, relativamente aos Chefes, e primogenitos de cada huma: Mostraria que simples nos seus principios; seguro, e recatado nos seus planos; prompto efficaz, e livre na execução delles; he ao mesmo tempo o mais proprio, e analogo á constituição fysica, e moral do mesmo homem, cujos actos dependem sempre de hum movel, e de hum só principio, que o determina: Mostraria que só elle rasteja, e imita de algum modo a força, a unidade, a ordem, e aquella acção rapida, poderosa, e simplicissima, com que o Ente Supremo desde o alto do seu Throno magestoso rege, e modera o Universo? Mostraria que instituido assim pela razão, e pela natureza, e consagrado pela Religião, he elle em fim o menos susceptivel dos vicios da fragil humanidade, e o mais capaz de preencher o seu alto fim, e de produzir a felicidade.

Mas consultemos a experiencia, e seja ella a nossa guia: voltemos os olhos para os seculos, que nos precederão, e vejamos o que se passa ainda hoje diante de nós mesmos. E que vemos, Senhores? Innumeraveis povos mutuamente dilacerados, e destruidos; Republicas inteiras sepultadas debaixo do enorme pezo da Aristo-

cracia, e da Democracia; governos sempre inquietos, e agitados, bem como as vagas, e tumultuosas ondas do mar, onde reina, e preside o furor, o espirito de partido, as facções, rivalidades, discussões eternas; onde custa muito o ser virtuoso; e onde a ambição, e avareza particular, o orgulho, a vingança, e as demais paixões soltas, e em campo aberto, tirando todas as vantagens possiveis de huma authoridade precaria, opprimem aos seus Concidadãos, e para perpetuar, e firmar a propria fortuna, e a de seus netos, á custa de milhares de infelices, sacrificão-se, degollão-se estes, para com o seu sangue nutrir, e cevar aquelles. Fluctuando sempre no pélago immenso dos excessos, e do enthusiasmo, depois de cahirem por intervallos nos desvarios e horrores da Anarchia, se precipitão finalmente, e vem a perecer entre os ferros do cruel, e ensanguentado despotismo. Por isso houve já quem dissesse que só no Céo se poderia formar huma republica justa, igual, permanente, e verdadeiramente livre; porque só lá he que os homens, soltos já das pezadas cadêas do crime, e isentos dos prestigios do espirito, e do coração, contentes nos seus limites, respeitarião nos outros os direitos de cada hum, e unirião perfeitamente os seus sentimentos para o bem, e conservação de todos. E se na terra he tão difficil achar-se hum homem justo, e virtuoso, como se acharão nella muitos? O testemunho de todas as idades assás o comprova. Athenas, Esparta, Thebas, Carthago, Syracusas, e tu, soberba Roma, onde estão os teus triunfos? Esse Capitolio pomposo, que dommava os Reis, e o Universo, sepultou nas suas ruinas a tua gloria, o teu imperio, e a tua altiva liberdade.

Mas para que me demoro em buscar, e referir exemplos tão antigos, se á nossa vista se offerece a prova mais forte, e terrivel dessa verdade? Que males, e que horrores não tem causado!... (1) Que rios de sangue, e de lagrimas!... Mas suffoquemos por ora o nosso pranto; apartemos os olhos deste espectaculo de dor, occupan-

(1) Sabendo-se o anno, em que foi feito este Discurso, e os acontecimentos funestos, e assás publicos daquelle tempo, he facil entender-se a que elle se refere neste lugar, e em outros semelhantes.

do-nos sómente, e applaudindo hoje a singular felicidade, de que gosamos.

Basta decorrer por todas as Monarchias antigas, e modernas, que florecerão á face do Universo, para vêr quão feliz, e differente se mostrou sempre a sua sorte. Não penseis porém que me confundo, e que eu entendo debaixo deste Nome Augusto, e respeitavel aquelles Governos infelizmente arbitrarios, onde reina o capricho; e onde a vida, a honra, e o destino de tantos milhares de Cidadãos dependem só do temperamento, das inclinações, dos vicios de hum Senhor despotico, e tyranno. Seja para sempre detestado o seu sceptro, o sceptro da tyrannia: seja banido, e desterrado para os confins desses barbaros climas, onde desconhecida ainda a dignidade do homem, perpetúa a ignorancia o seu jugo infame sobre milhões de escravos desgraçados. Eu fallo, torno a dizer, das Monarchias justas, fundadas na equidade, e na razão; dirigidas pelas Leis, (1) auguradas pelos vivas, e acclamações de hum povo grato, e affortunado; e consagradas finalmente pela Religião. Estas são as de que fallo, e as que, fazendo em todos os tempos a felicidade das Nações, que governarão, devião ser eternas para bem das mesmas. E qual foi aquella, que não floreceo longo tempo á sombra destes Thronos beneficos? Que face mais brilhante! Que grandeza! Que successos! Que triunfos! Diga-o a Germania, a Grão-Bretanha, e a Hespanha: Diga-o tambem esse por mais de doze seculos florentissimo Imperio dos Clodoveos. Mas oh memoria importuna! Triste, è fatal cadêa dos destinos humanos! Diga-o porém, e diga-o sempre por todas, a bella, a venturosa, e invencivel Lusitania. Nós não precisamos de outros exemplos, e testemunhos; pois achamos neste só as mais illustres, e sobejas provas, que felizmente concluem o meu argumento.

E por tanto, se as monarchias em si mesmas, e entre todos os Governos forão sempre os mais affortunados, e vantajosos, que direi eu daquella, que ás prerogativas geraes ajunta outras, que propria, e singularmente a dis-

(1) Nesse tempo já o Autor queria a Monarchia constitucional.

tinguem, e que sustentada por uma constituição optima, e felicissima, que os tempos não tem podido alterar, foi particularmente fundada sobre as bases sólidas, e firmes da Religião e da virtude. E quem não reconhece logo a estes caractéres a Monarchia Portugueza?

Sim, Senhores, a Religião, essa Luz Divina; preciosissimo dom da Divindade para soccorro, e consolação dos fraços mortaes; a Religião, sem a qual he o homem nada mais do que hum ente desgraçadissimo, a sociedade humana hum bando de féras, e de anthropófagos; essa, que só pode produzir a virtude, e suffocar o crime; que ensina, prescreve, e limita os direitos, e os deveres de cada hum; que obriga o subdito a respeitar, como deve, ao superior legitimo; que inspira a este o amor mais terno para com aquelle; que equilibra as condições; regula a liberdade; anima, defende e castella o fraco; assusta, refrêa, e desarma o poderoso; e formando a ordem, e harmonia publica, produz, e mantém a prosperidade geral, e particular dos individuos, e das nações; a Religião, digo, foi sempre o movel, e a divisa do esclarecido Imperio Portuguez, cujos religiosissimos Soberanos nunca se guiárão por outras maximas, nunca adoptarão outra politica.

Nascendo entre os braços da victoria, e da Religião (1) no Illustre Campo de Ourique, seu famoso berço, desde então até hoje tem crescido, e tem prosperado á sombra das suas azas. Ella tem feito em todos os tempos esta Nação tão gloriosa; traçou todos os planos do seu esta-

---

(1) Nós não pretendemos entrar em duello, e disputa com alguns criticos modernos. Basta que o facto, a que nos referimos, não seja impossivel, segundo os principios da nossa crença; e que elle se ache authorisado por varios testemunhos coevos; por muitos monumentos, que o confirmão; pela asserção uniforme de graves Historiadores; pela tradição Nacional continuada até nós; e pela opinião publica, para que possa, e deva ter lugar em hum quadro Oratorio, tal como este; cuja verosimilhança subsistiria, ainda quando se provasse o contrario; pelo que respeita ás circumstancias; porque em substancia sempre será verdade que a Monarchia Portugueza deve á Religião os seus principios, e estabelecimento, de qualquer modo que este se considere, como tambem o seu progresso, duração e gloria (n. do A.)

belecimento; dirigio os seus successos, na paz dictou Leis Santissimas; consagrou na guerra os seus triunfos, e levando o nome, e a gloria Portugueza desde huma até outra extremidade do Universo, conduzio os seus Heroes — por mares nunca d'antes navegados — ás mais arduas emprezas; mostrou ao mundo admirado novos climas; diffundio nelles a luz, e desterrou as trevas, que os enlutavão; e arvorando com respeito a Cruz triunfante nas Regiões mais barbaras, è desconhecidas, fez tremolar ao pé della sobre os seus muros as Quinas victoriosas de Portugal. Ella he finalmente a que exalta e acompanha constantemente no Throno a todos os Monarchas Portuguezes; e a que inspirando-lhes sentimentos sempre justos, e suaves a respeito dos seus vassallos, ou verdadeiros filhos, lhes tem igualmente merecido da parte destes, como huma herança particular, e benção do Céo, a obediencia, o respeito, o amor, e a mais pura felicidade. Oh venturosa Monarchia! Nação distincta! Felices Soberanos! Felices povos!

Nós o sabemos, Senhores, e cada hum de nós tem em si mesmo todas as provas desta verdade consoladora, fundada em factos innumeraveis. Todo o mundo os sabe igualmente com nosco, e cheios de assombro, e de huma nobre inveja nos apontão, e assinalão com o dedo. Embora o espirito do erro, disfarçado com o trage, e nome impostor de huma nova, de huma atroz Filosofia, arvorando em huma das suas mãos o funesto Estandarte da revolta, com a magica Inscripção dos Direitos do homem, que apregoa, e que inculca a todo o Universo, em quanto com a outra lhe descarrega o golpe mortal, e nada menos tenta do que a destruição do mesmo homem e de toda a sua especie: embora derrame por toda a parte o seu mortifero veneno, e vomite da horrivel garganta lavas de sangue, e de fogo, que inundão, que affogão, e devorão mil povos desgraçados; e derribando Thronos, e Altares, se esforce, e pretenda sobre as suas ruinas fundar o monstruoso Imperio da Irreligião, e da Anarchia. Devemos sentir os males dos nossos semelhantes; mas não temamos. A Religião, Senhores, a Religião sómente obstará entre nós, qual muro de bronze, a todos estes males. A ella devemos toda aquella doce paz, de que goza-

mos ha tantos tempos, e que ainda nestes ultimos nos não tem podido roubar de todo os abalos da concussão universal; a ella devemos a tranquillidade interna no meio mesmo da tormenta; a ella aquelles vinculos indissoluveis, que ligão reciproca, e estreitamente os Soberanos com os seus povos; e a ella finalmente aquella harmonia perenne, que vemos reinar com prazer entre o Imperio e o Sacerdocio.

Digna, e Soberana Mãi de tudo que he util, honesto, decoroso, e grande, nesta fonte pura he que os Augustos Reis de Portugal beberão, e aprenderão todas as virtudes, que os caracterizão, e que fazendo ha perto de sete seculos hum dos fundamentos mais solidos do seu Throno, formão as delicias, e a felicidade de seus vassallos. Se consideramos o zelo, que mostrarão sempre para conservarem illeso o Sagrado Deposito da Fé, para sustentarem, e propagarem o verdadeiro Culto; e se olhamos para tantos outros monumentos da sua Piedade sublime, elles lhes merecerão o singular Titulo de Fidelissimos: se contemplamos as suas virtudes intrépidas, e militares, que immenso, e vasto campo se não offerece! Se admiramos as suas virtudes politicas, e sociaes, eu me perco, Senhores, neste pélago de maravilhas!

Em quanto com huma das suas mãos, obrando prodigios de valor á frente de esquadrões guerreiros, debellão barbaros Reis, e acabão de livrar a Hespanha do seu jugo pezadissimo, com a outra, depois da victoria, tração esses planos justos de Legislação, que farião perpétuamente felizes os seus povos. Em quanto firmão a Monarchia com o proprio sangue, e fixão a admiração, e o respeito das Nações vizinhas, extendem o seu Sceptro, e a sua fama além dos mares conhecidos. Asia, e Africa correm já a offerecer-lhes os seus tributos. Hum Novo Mundo, abrindo o seu seio até alli recondito, patentêa os thesouros, que encerra e desentranhando-se em riquezas, e preciosidades, esmalta com ellas a brilhante Coroa dos Augustos Descendentes de Affonso, e adorna os louros dos seus famosos Descobridores. Todas as quatro Partes em fim, penetradas de justo assombro, e obedientes a hum Sceptro tão digno de reinar sobre todos os

do Universo, concorrem a fazer célebre o Nome Portuguez, cujas emprezas, e trabalhos, arguidos de temeridade por aquelles, que os não podião imitar, não limitando a si sómente os seus maravilhosos effeitos, passarão a illustrar, e felicitar outras Regiões, e outros povos, que delles se aproveitarão, e aprenderão; e seguindo as pizadas dos nossos, caminharão pelo trilho, que estes abrirão com o seu sangue, e os seus suores, ainda hoje lhes devem a parte principal da sua fortuna, e da sua opulencia (1).

Aqui florece a Agricultura, alli se dilata o Commercio; a industria o vem já seguindo; as Artes, e as Sciencias crescendo, e extendendo as suas luzes entre o estrepito, e o brilhante esplendor das armas, ostentarão á face do Universo toda a sua gloria; honrando aos Naturaes, admiravão aos Estranhos; e illustrando a Monarchia desde os formosos, e doirados dias do Grande Manoel, mostrarão ao mundo que nella reinavão de mãos dadas Minerva com as Musas; o Deos dos combates, e o Genio da paz. No seu seio se formarão, e se formão ainda hoje esses Heróes, que em todos os tempos farão honra a hum, e outro; os Albuquerques, os Barros, os Gamas, e os Camões; tão dignos da sua fama, e dos louros immortaes, que huns aos outros fabricarão.

E não lhes basta esta gloria? Não basta esta para que, distinguindo-a singularmente de todas, constitua a Monarchia Portugueza tão sólida, e feliz, quanto he todo aquelle povo, e Paiz, onde impera a razão; onde reina a Filosofia unida á Religião, as Letras com as Armas; e onde as Musas, moderando o furor de Marte, e humanizando os Reis, e as Nações, produzem costumes puros, virtuosos, e suaves?

Mas a quem, Senhores, a quem deve ella tantas, e

---

(1) Este testemunho de honra, e de justiça se firma, e se acha authorisado pela voz universal. Os mesmos Estrangeiros assim o confessão, e publicão, cheios de espanto, forçados pela notoriedade de factos, que não podem negar. Nós nos explicamos no lugar acima quasi pelos mesmos termos de hum dos seus Escriptores: Lafitan. Hist. des Conq. des Portug. L. I dans le Préface, e por toda a Obra, com a qual concordão outros muitos. (Do A.)

tão admiraveis vantagens, senão aos Principes Bem-Amados, de que o Ceo, por huma Providencia particular, e constante, lhe fez o mais grato, e precioso presente? Quanto pois se pode dizer em louvor desta Monarchia, faz igualmente o elogio dos seus Monarchas. Elles são como a alma deste grande corpo, cuja vida, conservação, e felicidade, animão, sustentão, e promovem. Dados a huma Nação fiel na effusão das Misericordias do Todo-Poderoso, esta Geração Real, e escolhida tem sabido com as suas virtudes corresponder á excellencia de tão grandes fins. Amantes sempre zelosos da Justiça, ella mesma lhes tem franqueado o campo para os successivos triunfos da sua Clemencia, dessa virtude Suprema, que tanto assemelha o homem á Divindade, virtude de Heróes, virtude Régia, e propriamente caracteristica dos Soberanos Portuguezes. Magnificos sem orgulho; affaveis sem baixeza; compassivos, beneficos, e humanos no meio da grandeza, e da Magestade, que os cerca; Pais, e Protectores dos seus vassallos, elles derão com o segredo de reinar nos corações, fazendo-se amar por gratidão, respeitar, e obedecer por amor. Este foi sempre o mais brilhante distinctivo do seu Sceptro; este o dilatou, e o fez suave a todos os povos, animou, e coroou os trabalhos emprehendidos por elle, á custa de mil perigos, e da propria vida, sempre amado dos seus, admirado dos estranhos, respeitado, e obedecido dentro, e fóra do Reino, nos Climas distantes, nas quatro Partes do Universo.

E bem longe de que o giro, e revolução dos seculos tenhão podido produzir algum daquelles eclipses, que tantas vezes alterarão a condição humana, e de vez em quando obscurecem a brilhante face dos Imperios, o tempo só tem servido para esclarecer mais a este, propagar, e perpetuar as virtudes dos Soberanos Portuguezes: taes como os grandes, e caudalosos rios, que quanto mais se apartão da sua origem, tanto mais alargão a sua foz soberba, tanto mais engrossão e dilatão as suas correntes. Affortunados Portuguezes, e que provas vos não offerece desta verdade a Real, e firmissima Casa Reinante, o Nome Augusto de Bragança?

Este tronco Régio, cujas raizes, passando sempre por entre Thronos, se entranhão, e tocão na mais alta pro-

fundidade dos seculos, cujos ramos se enlação com outros tantos Sceptros, quantos são os que tem dado ao mundo; cujo excelso cume chega já aos Ceos; e cuja copa florida, e magestosa serve de abrigo e de refugio a tantos povos sobre a terra; este Tronco sagrado, que brotou da Semente mais pura, tem cada vez melhorado, e aperfeiçoado mais os seus frutos: affortunados Portuguezes, e onde ha Principes como os vossos? Onde ha principes como estes? Possuindo e reunindo em si todas as virtudes, que divididas caracterizão aos Senhores Reis passados, seus altos progenitores: se minha lingua as pertendesse enumerar, perderião sua grandeza; seria esta huma empreza mui superior ás minhas forças, e a tão pequeno discurso; e seria huma injuria para a vossa gratidão. Eu fallo com os meus Compatriotas, e todo o mundo tem já lido nossas historias.

Portuguezes, vós o sabeis: vós sabeis que a elles, ou ás suas virtudes deveis os doces frutos da preciosa liberdade, depois de terem quebrado, e despedaçado com as suas mãos triunfantes os pezados ferros, que vos opprimião: sabeis que delles vos livrarão á custa de mil perigos, e do sacrificio difficil do seu descanço, e da propria vida, com a sua prudencia, com o seu valor, e com a sua Pessoa Sagrada; sem a qual, desfalecida a vossa, nada ousaria intentar, faltar-vos-hia a alma, e o estimulo para huma das maiores emprezas, que vio o mundo, e ficarião assim desarmadas, e maniatadas sempre as vossas mãos valerosas: a ellas deveis a perpetuidade de huma Monarchia, que faz, e fará sempre toda a vossa felicidade: a ellas a conservação, e o augmento do vosso estado actual, e florente: a ellas, a ellas finalmente, por complemento de tudo, o melhor, e o mais glorioso dos Reinos, e Reinado immortal de Maria I. Que nome! Que Maravilha!

Jactem-se embora as Nações estranhas de alguns dos seus Principes mais famosos: nós até contamos huma Heroina entre os nossos. E se os grandes Reis, dom precioso do Ceo, formando nos annaes do genero humano a baliza das épocas, forão sempre na historia hum objecto admiravel, e interessante, que será aos olhos do Universo, e da posteridade huma Illustre, e Grande Rainha!

Huma Rainha, que unindo ás virtudes mais puras, e amaveis do seu sexo todas as virtudes sublimes dos maiores Imperantes, tem collocado o seu Nome, e o Reinado a par das Isabeis, das Christinas, das Marias Theresas, e das Catharinas; igual a estas nos talentos, que recebeo; superior no uso que fez delles; e ainda mais rara, e digna de louvor pelos sentimentos sempre constantes de Justiça, de Beneficencia, e de Piedade, que a caracterizão. Mortaes de todas as Regiões, e de todos os Climas, vinde prostrar-vos aos pés do seu Throno, vinde renderlhe o tributo das vossas homenagens, e vinde ver, e admirar de perto no Principe adorado, Augusto Herdeiro do seu Sceptro, e das suas virtudes, e legitimo Successor de tantos Reis esclarecidos, o digno Filho de tal Mãi, o novo Depositario da nossa felicidade.

Cheio dos principios mais justos, e sublimes; dotado de hum coração recto, e de huma alma nutrida, e habituada no bem; com que prazer, e maravilha o não temos visto repetir os seus ensaios; ou antes verdadeiras provas, na grande, e difficil Arte de Reinar! Com que acerto, e firmeza não tem regido o pezado leme da Monarchia nestes tempos tão tristes, e tormentosos! Que promptas, e sabias Providencias! E ao mesmo passo, que Graças não derrama continuamente sobre milhões de vassallos na occasião mesma em que parece esgotar-se a fonte dellas nas urgencias mais indispensaveis do Estado! E finalmente, que zelo, humanidade, moderação, e que piedade.

E se Deos, pelos seus profundos, e impenetraveis Juizos, costuma punir, ou premiar nos povos as virtudes, ou os crimes dos que os governão, e dos seus Principes, quantas razões não temos nós de attribuir aos nossos toda a felicidade de que gozamos, e particularmente esta, que hoje tanto nos interessa? Unido pelos vinculos mais Santos a huma Princeza amavel, e digna d'Elle; o Ceo, que muitas vezes começa a remunerar o Justo sobre a terra; o Ceo que teceo, e formou esses laços sagrados; o Ceo mesmo os coroou com a benção de fecundidade, a fim de que, fazendo d'Elles o instrumento das suas Misericordias sobre hum povo escolhido, renovasse com este o seu antigo pacto, e não perecesse

Soneto notavel o classico. Estylo Camões

Á Mamaluca Maria Barbara, mulher de hum soldado, cruelmente assassinada no caminho da Fonte do Marco, perto d'esta Cidade de Belem, por que preferio a morte á mancha de infiel ao seu espozo

SONETO

Se acaso aqui topares, caminhante,
Meu frio corpo já cadaver feito,
Leva piedoso com sentido aspeito
Esta nova ao esposo afflicto, errante.

Diz-lhe como de ferro penetrante
Me viste por fiel cravado o peito,
Lacerado, insepulto, e já sujeito
O tronco fêo ao corvo altivolante:

Que d'hum monstro inhumano, lhe declara
A mão cruel me trata desta sorte;
Porém que alivio busque á dôr amara,

Lembrando-se que teve huma consorte,
Que por honra da fé que lhe jurara,
A' mancha conjugal prefere a morte.

Dignando-se o Governador e Capitão General
D. Francisco de Souza Coutinho aparecer com uniforme de simples soldado
em parada de mostra
do 2.º Corpo auxiliar, por incentivo e honra aos brios dos milicianos

SONETO

Não vence o General, que na batalha
Só mostra brios em trazer bordados
Ricos telizes, elmos emplumados,
Luzentes armas, e lustroza malha;

Mas sim aquelle, que fiel trabalha
Em inspirar magnanimo aos soldados
O puro amor da gloria, despresados
Os futeis dons que a mão do tempo talha.

Assim Coutinho illustre, que vestido
Vem de uniforme simples e ligeiro,
Fama nos dá, e exemplo esclarecido.

Honra-te, ó Terço, (1) desde já o primeiro,
Que, se em Souza outros tem Chefe subido,
Tu o contas tambem por companheiro.

---

(1) Nesse tempo os corpos de milicias auxiliares se denominavão Terços, e o Autor era official daquelle em que se apresentou o General.

Soneto notavel o classico. Estylo camonia

Á Mamaluca Maria Barbara, mulher de hum soldado, cruelmente assassinada no caminho da Fonte do Marco, perto d'esta Cidade de Belem, por que preferio a morte á mancha de infiel ao seu espozo

SONETO

Se acaso aqui topares, caminhante,
Meu frio corpo já cadaver feito,
Leva piedoso com sentido aspeito
Esta nova ao esposo afflicto, errante.

Diz-lhe como de ferro penetrante
Me viste por fiel cravado o peito,
Lacerado, insepulto, e já sujeito
O tronco fêo ao corvo altivolante:

Que d'hum monstro inhumano, lhe declara
A mão cruel me trata desta sorte;
Porém que alivio busque á dôr amara,

Lembrando-se que teve huma consorte,
Que por honra da fé que lhe jurara,
A' mancha conjugal prefere a morte.

Dignando-se o Governador e Capitão General
D. Francisco de Souza Coutinho aparecer com uniforme de simples soldado
em parada de mostra
do 2.º Corpo auxiliar, por incentivo e honra aos brios dos milicianos

SONETO

Não vence o General, que na batalha
Só mostra brios em trazer bordados
Ricos telizes, elmos emplumados,
Luzentes armas, e lustroza malha;

Mas sim aquelle, que fiel trabalha
Em inspirar magnanimo aos soldados
O puro amor da gloria, despresados
Os futeis dons que a mão do tempo talha.

Assim Coutinho illustre, que vestido
Vem de uniforme simples e ligeiro,
Fama nos dá, e exemplo esclarecido.

Honra-te, ó Terço, (1) desde já o primeiro,
Que, se em Souza outros tem Chefe subido,
Tu o contas tambem por companheiro.

---

(1) Nesse tempo os corpos de milicias auxiliares se denominavão Terços, e o Autor era official daquelle em que se apresentou o General.

Ao Governador e Capitão General do Estado do Pará
D. Francisco de Souza Coutinho,
sendo promovido ao posto de Capitão de Mar e Guerra, na occasião
dos primeiros movimentos
da Europa a cerca da Revolução Franceza

SONETO (1)

Sangues, mortes, incendios vomitando,
Sahe do averno a Discordia regicida,
Que a Europa, de mil males opprimida,
Vai em tristes ruinas sepultando.

Todos se aprestão, cada qual buscando
Resistir, e salvar a Patria, a vida:
Sôa d'Austria a trombeta retorcida,
E já Sardos, e Prussios vão marchando.

De Britannos baixeis o mar se cobre;
E, em tanto estrago, Lysia acautelada
Arma tambem o empavesado Pinho:

E, p'raque seu respeito então se dobre,
Ajunta aos Capitães da forte Armada
O grande Nome, o Nome de Coutinho.

---

(1) Foi impresso em Lisbôa no anno de 1793.

A hum passarinho, quando o Autor soffria vexações

SONETO

Passarinho, que logras docemente
Os praseres da amavel innocencia,
Livre de que a culpada consciencia
Te afflija como afflige ao delinquente.

Facil sustento, e sempre mui decente
Vestido te fornece a Providencia;
Sem fucturos prever, tua existencia
He feliz, limitando-se ao presente.

Não assim, ái de mim! porque soffrendo
A fome, a sede, o frio, a enfermidade,
Sinto tambem do crime o pezo horrendo.

Dos homens me rodêa a iniquidade,
A calumnia me opprime; e, ao fim tremendo,
Me assusta uma espantosa eternidade.

Ao Snr. José Eugenio de Aragão e Lima,
Professor de Philosophia, amigo do Autor, quando elle foi perseguido,
preso e desterrado

SONETO

Em quanto o molle Syberita treme
Da desgraça co' o simples pensamento;
O Varão forte, sem perder o alento,
De arrrostar-se com ella não, não teme:

Entre cadêas e grilhões, não geme;
Mas armado de heroico soffrimento,
Livre a alma, conserva o peito isento,
Na fornalha, no potro, e na trireme.

Tal Eugenio presado, tu, que unindo
Com a sãa Philosophia a Cristandade,
Dos jógos da fortuna te estás rindo.

E das fezes da negra adversidade,
Qual provido Mineiro, colligindo
Ricas virtudes, sólida piedade.

Aos annos da Exm.ª Condeça dos Arcos, em 1804,
e offerecido ao Conde seu filho, Governador e Capitão General
do Estado do Pará

SONETO

Não só do Tejo os immortaes cantores
Alegres hymnos a teu nome entoão,
Tambem nas margens do Amasonas soão,
O' preclara heroina, os teus louvores.

Se aquelles de teu berço os resplandores
De perto admirão, entre nós ressoão
As mil virtudes, que brilhantes c'roão
Os dons que herdaste, as graças, os favores.

Elles virão nascer teu claro dia;
Mas nós vemos aqui o doce fructo,
Que o Céo, de ti nascido, nos envia.

Oh! quanto te hé devido este tributo!
Pois que de ti nasceo nossa alegria,
Nasce a paz; nasce o bem que hoje desfructo.

Aos gloriosos successos das Armas na restauração de Portugal, depois da invasão dos Francezes, e pelos feitos dos briosos Paraenses na Conquista de Cayenna

Do Luzo Invicto as Armas Triunphantes (1)

SONETO

(DE IMPROVISO)

Os crimes innundavão toda a Terra,
E varios monstros no Averno concebidos,
Na Corsega e no Sena produsidos,
A' todos os mortaes fazião guerra.

A impiedade, a perfidia, e o mais que encerra
Pandora nos seus Cofres denegridos,
Entre lugubres áis, entre gemidos,
Da face do Universo a paz desterra.

Porém, á tanto mal, o Céo, que hé justo,
Já pôem termo, suscita mil Atlantes,
Lopes, Silveiras, Palafox sem susto.

Suscita outros Heroes da Patria amantes,
E faz que brilhem no Brazil adusto
Do Luzo Invicto as Armas Triunphantes.

---

(1) Inscripção em uma pequena bandeira, que com as armas reaes, sobre um Castello de confeitaria se achava no centro da meza de doces, que o Governador e Capitão General do Grão Pará deo aos Convidados no Palacio do Governo em o dia dos Festejos pelos sobreditos sucessos. E nessa occasião o Autor com enthusiasmo emprovisou o Soneto acima.

No Anniversario do Principe Regente á 13 de Maio de 1809, 2.º depois da sua vinda para o Brazil, e 1.º da Conquista da Goyanna Franceza, pelas Armas Portuguezas desta Capitania do Grão Pará, que o Governador e Capitão General José Narciso de Magalhães e Menezes expedio

SONETO

Neste dia, o mais bello, em que de perto
Te vio, qual Phebo, renascer jucundo,
Cheio de gloria e luz o Novo Mundo,
Hum puro amor, ó Principe, te offerto.

O Grão-Pará, de jubilo coberto,
Abre seu peito em producções fecundo;
E, com zelo e respeito o mais profundo,
Te off'rece provas mil, tributo certo:

Os bens, o sangue, a vida te off'rece;
Mas, sobre todos, Magalhães sublime
O Teu Sceptro magnifico engrandece:

Em todos seu valor, seu genio imprime:
Já Cayenna, Senhor, te reconhece,
E o Nome de João Augusto exprime.

Ao Snr. Alexandre de Souza Malheiro de Menezes,
Intendente da Marinha do Pará, e Capitão de Fragata d'Armada Real,
na occasião em que foi promovido a este posto

SONETO

O nobre sangue teu, teu genio claro,
Talentos e valôr, já conhecidos,
N'um pólo, e n'outro em factos repetidos,
Do Francez bellicioso, e Mouro avaro;

Não são, Malheiro illustre, o que mais raro
Em ti contemplão hoje enternecidos
Os Paráenses, todos convencidos
Do teu singular merito preclaro.

Hum peito bemfeitor e generoso,
Sensivel coração, huma alma pura:
Hé este sim o teu brazão honroso.

Por elle o Céo te leva á mór altura;
E eu, entre todos, grato e sonoroso
Te levarei além da sepultura.

Ao Illm.º e Exm.º Snr. Martinho de Souza e Albuquerque,
Governador e Capitão General
do Estado do Pará, achando-se á banhos fóra da Capital

IDYLLIO (1)

1.º

Hum dia, que apressado
O manso gado trouxe ao seu aprisco,
Por poder socegado
Hir banhar-me no rio, sem o risco
Da Onça tragadora
A cria vir roubar-me á mesma hora.

2.º

Quando já mergulhando
Nas ondas té ao centro m'entranhava,
Ou sobre a agua olhando
O delphim nadador arremedava;
E em tanto o claro dia
C'os exforços da noite mal podia.

3.º

Á praia me recolho;
E, tomando o vestido, um murmurinho
Sinto da esquerda! ólho:
Hé um bando de Nymphas, que o visinho
Igarapé descendo,
Com pressa ao largo rio vem rompendo.

---

(1) Hé huma das primeiras obras do Autor.

4.º

Queto me ponho a ouvillas,
Por ver o que dizião, pois fallando
Entre si vem: sentillas
Facil me foi; mas eu vou duvidando,
Que acertar possa o fio
Das cousas, que dizião pelo rio.

5.º

«Vamos, ó Nymphas, vamos
«Render ao Maioral nossa homenagem.
«Parece que tardamos!
«Eia pois, avistemos a paragem,
«Onde o Chefe Subido
«Ha dias, por doença, está detido.

6.º

«Estamos aqui juntas
«As Nymphas tutellares destes rios,
«E vem-nos adjuntas
«Muitas que os lagos tem por senhorios:
«Todas Martinho honremos,
«Faça-mos, Nymphas, tudo o que devemos.

7.º

«As agoas mais sadias
«Para qui n'alta enchente encaminhadas
«Sejão, e nestes dias
«As flores junto ao banho amontoadas:
«Os ventos chamaremos,
«E, que brandos respirem, lhes rouguemos

8.º

Humas assim dizião;
Porém outras, parando concertavão
Os versos que trazião,

Em que o bom Maioral muito louvavão;
Aquellas afinando
Os retorcidos buzios, e cantando:

9.º

Já huma entôa, como
Havia o bom Martinho navegado
O Amasonas, e como
O Guámá, Tocantins há visitado,
E á mil rios distantes
Por ver, e dar auxilio aos Habitantes!

10.º

Cantão outras Deidades,
Como fôra com festas recebido;
E quantas saudades
Os povos de seos rios tem sentido
Depois; como se sente
A nova da molestia impertinente.

11.º

Promettem logo aquellas,
Qu'em melhorando, ao Deos da Medicina
Tem de levar Capellas
Da branca surnaúmeira, muito fina,
C'os ramos enlaçados
D'umiry por cheirozos procurados.

12.º

«Oxalá que depressa
«As Tutellares Deosas destes rios
«Cumprão sua promessa...
Clamei então; mas ah! meus votos pios
As Nymphas assustarão!
Todas ao seu destino se apressarão.

Idillio
em louvor do Illm.º e Exm.º Snr. D. Francisco de Souza Coutinho, no dia em que se festeja o Anniversario de sua Posse do Governo deste Estado

---

INTERLOCUTORES

TIRSENO, E ALBENIO

Serranos deste Contorno (1)

ALBENIO

Deixa Tirseno a vãa melancolia,
Que sempre traz tão lividos teus olhos:
Que fazes, em logar tão solitario,
Mudo e triste pensando? Não te movem
Os prazeres, que occupão neste dia,
Neste dia ditozo a nossa Aldêa?
Assim chegando junto de Tirseno,
Albenio lhe dizia, o bom Albenio
Pastor honrado, e hum dos mais polidos
De grande authoridade entre os Pastores,
Que habitão sobre as margens do Amazonas,
E em gados, e cazaes mui opulento.
Desse mesmo contorno era Tirseno,
Serrano inda mancebo, a quem os fados
Por alta permissão do Céo Supremo,
Deixarão sem haveres, e cabana:
E os grossos cabedaes, que possuião

---

(1) Com o nome de Tirseno se disigna o Autor d'este Idyllio, e com o de Albenio o Coronel Ambrosio Henriques, festeiro, que foi quem pedio ao primeiro que em trez dias fizesse alguma obra para essa noite.

Seos Avós, n'outro tempo afortunados,
Enchente furiosa lhos levára:
Porém o mesmo Céo, que sempre justo
Os seus dons distribue, se lhe negara
Esses bens, compensal-o quiz, com outros,
De tanta disventura: Concedeo-lhe
Huma alma honrada, e amiga da virtude,
Sensivel para o bem, fiel, e grata;
Deo-lhe, além disso, o dom, que os bons estimão,
De cantar ou com lyra, ou doce flauta
Sonoros versos, que já muitas vezes
Tem soado nas margens do Amazonas,
Rompendo-lhe o seu rustico silencio.

Hum dia pois, que já o Sol luzente,
Cansado da carreira, procurava
Repousar-se nas ondas somnolento;
Quando já no Orizonte avermelhado,
Perdido o resplendor ao meio-dia,
Apenas frouxos raios estendia,
A que os mortaes olhavão sem receio:
Huma tarde serena, e socegada
Do mez de Junho, em que na Zona ardente
Os calores, que a gente matarião,
Por ley da providente natureza,
São com chuvas benignas temperados:
N'uma tarde assim fresca reclinado
Tirseno estava sobre a verde relva,
Junto á borda do Rio dilatando
Os olhos seos, que apenas se movião,
Pela longa planicie prateada.
Esta vista agradavel, porém triste,
Inda excitava mais seus pensamentos,
E sua alma fartava (cousa estranha!)
D'uma tristeza placida, e suave.
Tal era pois o sitio, em que se achava
O Mancebo Tirseno, quando Albenio,
Junto d'elle chegando lhe fallara;
E, posto que sentisse interrompido
O ver-se deste modo, todavia,

Como Albenio estimava, o vulto erguendo,
Depois da cortesia costumada,
Deste modo responde o bom Tirseno.

TIRSENO

Salve, Albenio ditozo, os Céos te mostrem
Sempre os dias serenos, e risonhos,
Livres da fêa nuvem da desgraça,
Que a tantos infelizes triste assombra.
Hé tão proprio de ti viver contente,
Como em mim sem prazer; pois não ignoras
Os revezes fataes, que a dura sorte
Tem sobre o collo meo descarregado:
E inda estranhas o vêrme sempre triste
Neste lugar dezerto, e retirado,
Entregue a pensamentos magoados?
Vendo estava a desordem, com que as ondas
Entre si mutuamente se combatem;
Como a maior, que vem á mais pequena,
Escumante, e soberba sobremonta:
Tal no mundo a desordem com que os homens,
Depois que ao nosso campo o vicio veio,
Huns c'os outros guerreão, mais que feras!
O poderoso, e forte opprime ao fraco,
Quando hé injusto, e a perfida calumnia
Faz com que muitas vezes se não ouça
A debil vóz da candida innocencia.

ALBENIO

Deixa, deixa, Tirseno, esses cuidados,
Negros filhos da vil melancolia:
O passado passou, e o Céo benigno
Já para ti começa a ser propicio.
Vem gozar do prazer, que neste dia
A sorte nos off'rece; vem juntar-te
Aos outros moradores destes campos
Na ventura geral interessado:
Deixa, deixa, Tirseno, esses cuidados
Negros filhos da vil melancolia:
Anda, comigo vem.

TIRSENO

Mas a que parte
Me pertendes guiar? E que prazeres
São esses em que fallas? Qual motivo
Este dia os inspira aos nossos campos?

ALBENIO

Não vistes os Serranos occupados,
Em novos jogos, na carreira, e lucta
Pelas ruas d'Aldêa, há quatro dias?
Não vistes a cabana abençoada
De Vinia, e Silvio nessa mesma noute
Retumbando com vozes de alegria?
Bem sabes que tres annos ha completos
Que aos nossos campos, venturosos campos
Chegou, oh grande dia! feliz dia!
O nosso Maioral, o bom COUTINHO,
O nosso Pai chegou; e, celebrando
D'hum tal dia a memoria, os moradores
Deste contôrno festas mil lhe off'recem:
Hoje pois que brilhante o Sol renova
Aquelle, em que prudente, dextro, e firme
O cajado tomou, com que nos rege;
Eu tambem obrigado aos beneficios,
Que sua mão benefica derrama
Sobre mim, um festejo lhe preparo,
Dentro em minha cabana, nesta noute:
Para ella já correndo vão contentes
As mais gentes, serranas desta Aldêa,
De mil festões, e flôres adornadas:
Aonia, minha espoza ali recebe,
Cheia d'um prazer puro, o mais sincero,
As lindas convidadas, e os serranos,
Em bandos numerosos concorrendo
Pelo mesmo motivo vão juntar-se.
Então, ao som de harmonicos accentos
De flautas, e de adúfes bem tangidos,
Formarão huns c'os outros mil coréas.
Vem tu tambem, Tirseno, vem juntar-te

Aos teus ledos amigos: vem, Tirseno;
E, em honra de Coutinho, excelso e digno,
Solta a vóz sonorosa, toma a lyra,
E canta doces versos: os teus versos
Gôsto nos dão, e já louvados forão
Pelo mestre Silvano, e o sabio Alexis;
Se assim fizeres, digo, eu te prôfneto
Hum cajado nodozo, e retorcido,
Que na parte de cima tem gravado
Do mesmo Grão Coutinho um bom retrato.

TIRSENO

Basta, Albenio, não passes adiante;
D'outro incentivo para mim não uses,
Senão do nome do immortal Coutinho,
Este só tudo vale; a virtude
Me incanta, e me namora: nada pode
Melhor servir de alivio ás minhas magoas,
Que o prazer, de que gózo, quando o louvo,
E quando descançando do trabalho,
Na força do calor da ardente sesta,
A' sombra da copada Sumaúmeira,
Versos lhe canto ao som da minha lyra;
E bem como a saudoza e triste rôla,
Se torna a vêr o amante companheiro,
Que perdido chorava, as azas bate,
E de alegria subita estremece,
Assim ficou minh'alma apenas ouve
Da tua boca o nome respeitado
Desse Grão Maioral, que aos nossos campos,
Ditosos campos, tanto bem tem feito.
Todo o louvor, e applauso lhe he devido,
Tudo o que passo alegre lhe dedico,
E minha vóz, e lyra consagrada
Ha muito já que tenho aos seus louvores.
Quanto, quanto és feliz, ditoso Albenio,
Por poderes mostrar-lhe o quanto o prezas!
Os Céos novos favores te concedão,
E sobre teus rebanhos derramando
Novas bençoes, a par de tua Aonia,

Vejas os netos sempre venturosos,
De ser grato a Coutinho: em recompensa
Da tua gratidão, esta alta prova
Aos mais pastores servirá de exemplo;
E seguir este exemplo honrado, e justo
Hade todo o pastor reconhecido.

ALBENIO

Vamos, pois, meu Tirseno, vamos ambos,
Festejar a Coutinho, e o Céo propicio
Lançará sobre ti as mesmas bençoes!

TIRSENO

Sim contente
Teus passos seguirei; e teo convite
De obrigação e gosto me enche o peito:
Mas, em quanto da noute o véo escuro
Não cobre a nossa Aldêa, demorar-nos
Neste mesmo lugar por pouco tempo
Não seria o peor; pois eu queria
Ensaiar umas novas cantilenas,
Que hoje intento cantar ao bom Coutinho;
Quanto me péza, quanto, ó meu Albenio,
Ter espaço tão curto; e já tão tarde
Ser de ti convidado: Escuta os versos,
E depois dize tu sincero, e lizo
Se merecem cantar-se: eu principîo.

1

Foge, foge do meu peito
Pezada melancolîa,
Não turbes cruel tristeza,
Os prazeres deste dia.

Ao alto Coutinho
Pertendo cantar,
Serranos, e Nymphas,
Correi a escutar.

2

Ao seu nome em reverencia
Deixai-me, ó vãos pensamentos,
Cale o mar os seus bramidos,
Não soprem na praia os ventos.

Ao alto Coutinho &c. &c.

3

Para louvar á Coutinho
Minha vóz empenharei,
E se tanto não consigo
Minha lyra quebrarei.

Ao alto Coutinho &c. &c.

4

Hoje por dita cantamos
Tres annos afortunados,
Em que tão bom Maioral
Governa os nossos cajados:

Ao alto Coutinho &c. &c.

5

Que signaes, que maravilhas
Se não virão nesse dia!
De faxos, e luminarias
Toda a Aldêa se cobria!

Ao alto Coutinho &c. &c.

6

Os sinos da Freguezia
Por si mesmo repicarão,
E dos concavos rochedos
Mil estrondos ressoarão.

Ao alto Coutinho &c. &c.

7

Estes presagios, indicios
Erão daquella ventura,
Que hoje temos; mostravão
A nossa dita futura.

Ao alto Coutinho &c. &c.

8

A' sombra do seu cajado
Já repousão socegadas,
Sem temer a voraz Onça,
Nossas timidas manadas.

Ao alto Coutinho &c. &c.

9

Do salteador inimigo
Novos muros nos amparão,
Novos corraes, novas obras
Já nossos lares preparão:

Ao alto Coutinho &c. &c.

10

O raio que n'outro tempo
Nos gella o sangue na vêa,
Já, graças ao bom Coutinho,
Não assusta a nossa Aldêa.

Dai ledos Pastores
Hum grato signal,
Louvai destes Campos
O bom Maioral.

11

Para longe foi fugindo
De nós a calamidade,
Entre nós já principia
De Saturno a bella idade.

Dai ledos &c. &c.

12

Innocentes pegureiros,
Dos soberbos opprimidos,
Chegai, chegai a Coutinho,
E vós sereis deffendidos.

Dai ledos &c. &c.

13

Na cabana levantada
Em que elle habita, a mentira
Entrar não pode; e se chega,
Logo d'alli se retira.

Dai ledos &c. &c.

14

Vede como infatigavel
Em dura, continua lida,
Por fazer-nos venturosos,
Expõe elle a doce vida:

Dai ledos &c. &c.

15

Favores, e beneficios
Sobre mil choças derrama,
E com premios, e com honras
Tantos Cerranos inflama:

Dai ledos &c. &c.

16

O seu nome já tem sido
Longe daqui celebrado,
Pelo muito que nos ama,
D'outros campos invejado.

Dai ledos &c. &c.

17

Honrai pois o grande dia,
Que o Céo renovar se digna,
Afortunados Pastores,
Serranos desta campina:

Dai ledos &c. &c.

18

Pedi-lhe com votos puros,
Que mil vezes o dupliquem,
E neste dia sagrado
Cem rezes se sacrifiquem.

Dai ledos &c. &c.

19

Vós gentiz, gratas Serranas
Correi tambem apressadas,
De fino algodão vestidas,
De mil flôres adornadas.

Dai ledos &c. &c.

20

Vinde alegres, vinde airosas,
Em duplicada corêa,
Dançar, em honra, e louvor
Do Maioral desta Aldêa.

Dai ledos &c. &c.

21

E tu, venturosa Aonia,
Desta cabana Senhora,
Huma grinalda lhe off'rece
C'os puros mimos da Flora

Trazei ao regaço
Á Coutinho flôres,
Tecei-lhe grinaldas,
Cantai-lhe louvores.

22

Aqui juntos os Serranos,
E as Serranas, imprimindo
Nos altos troncos seu Nome,
VIVAS lhe vão repetindo:

Os eccos respondão,
Que viva immortal,
Viva o bom Coutinho,
Nosso Maioral.

ALBENIO

Viva, Tirseno, viva o grão Coutinho,
E viva quem tão grata, e dignamente
Sabe entre nós cantar os seus louvores.
Crê, Tirseno, da aurora a bella vinda
Não me he mais doce não, nem mais amavel,
Do que o teu canto foi suave, e simples:
Esses versos, que agora tu cantaste,
Inda serão em honra de Coutinho,
Das Nymphas muitas vezes repetidos,
E os meninos das ternas Mãis ao collo
Toma-los-hão de pressa na memoria,
Para os cantar apenas babulç'ante
Se lhes soltar na bocca a debil lingoa.

TIRSENO

Muito, Albénio, exageras o meu canto.
Nem tanto; eu agradeço-te com tudo
O bom animo teu, que interessado
A meu favor, effeito de amisade,
Faz com que te pareça, qual desejas;
Mas o tempo se chega, e já nos chama
Para o grande festim: se te parece
Vamos, Albenio, vamos caminhando
Par'aquella vereda, que he mais breve;
Vamos depressa, segue esse caminho,
Vamos ligeiros festejar Coutinho.

Ao Exm.º e Rm.º Sr. D. Fr. Caetano Brandão,
do Conselho de Sua Magestade,
e Bispo do Pará, Eleito Arcebispo Primaz de Braga, no anno de 1789

ODE PINDARICA

STROPHE 1.ª

Que vozes de tristesa, e de alegria!
Que estranho e desusado
Espetac'lo me offerece neste dia
Este povo fiel sobresaltado!
Eu vejo magoado
Este mesmo semblante, o mesmo rosto,
Que se empenha em mostrar sincero gosto.

ANTISTROPHE 1.ª

Qual pobre naufragante, que salvando
A cara dôce vida,
Alegre piza a terra, graças dando
Da mercê novamente recebida;
Mas leva combatida
A afflita mente, o vago pensamento
Das riquezas perdidas n'um momento.

EPODO 1.º

Tal, ó Prelado Santo,
Fica triste o Pará: pelo deixares,
Penetrão no seu peito mil pezares;
Mas qual he seu espanto,
E quaes seus vivas, vendo-te elevado,
Sobre o Solio de Braga já sentado?

STROPHE 2.ª

Foge, profano vulgo, tu, que ás cegas
Meter a mão intentas
Nesses mysterios, que a entender não chegas:
Malicia, Inveja, irmãas sanguinolentas
Fugi, fugi, cruentas;
E, ás cavernas horrificas correndo,
Hi-de as caudas torcidas remordendo.

ANTISTROPHE 2.ª

Caetano canto, e a translacção famosa,
Que fará novamente
A Bracarense Igreja venturosa!
Diz-me, ó Muza, o motivo que potente
Entrou na regia mente;
E os que divulgo insolitos portentos
Me escute a terra, e vós mortaes attentos.

EPODO 2.º

Que fervidos conflictos,
Que surda guerra começada vejo!
Já da ambição estudão no manejo
Inquietos esp'ritos,
Por succeder no Throno antigo, e Santo,
Que Gaspar occupou por tempo tanto!

STROPHE 3.ª

As cabalas, a intriga, acompanhadas
Da politica astuta,
Já em campo se pôem: huns tem pintadas
No escudo seu com tinta nunca enxuta,
Por vencer n'esta lucta,
As preclaras acções de seus Maiores;
Outros trazem de Plutos os favores.

ANTISTROPHE 3.ª

Em tanto a Grão Maria, de quem pende
Da victoria o destino,
Nesta já confusão se não entende:
Dizei-lhe vós, qual hé, ó Céo benigno,

Do sacro louro digno,
Digno de encher a Séde, que Tolêdo
Assombrado, e cioso vê com medo.

EPODO 3.º

Já sobre a augusta frente
Com brandas azas molle somno vôa;
Hum silencio geral na grão Lisboa
Precede á vaga gente;
Eis que á Rainha em sonhos aparece
De Braga o Tutellar, que do Alto desce;

STROPHE 4.ª

«Vós do grande José, ó digna Filha,
(O genio assim lhe falla)
«De Lysia gloria, amor, e maravilha;
«N'alta contenda, que este Reino aballa,
«Não cedaes á cabala,
«A palma dai, áquelle, que a não busca,
«Que com virtudes mil aos mais offusca.

ANTISTROPHE 4.ª

«Aquelle, que nas margens do Amazonas
«Varão experimentado,
«De esclarecido Nome já se abona;
«Q'ali, á vencer monstros costumado,
«De Santo zelo armado,
«Derrota o vicio, e á sertões distantes
«Leva o Sacro guião nas mãos constantes.

EPODO 4.º

Que feitos gloriosos,
Emprezas mil, trabalhos soberanos
Executado tem em poucos annos;
Que em dias preciosos,
Resuscitando a santa antiguidade,
Honra á Igreja, soccorre á humanidade.

STROPHE 5.ª

«Este pois da indigencia Pai amante,
«Que asillo lhe offerece,
«Em piedosos recursos abundante;
«A' cuja sombra a grei mimosa cresce,
«Que em doutrina florece?
«Brandão honre a Cadeira Bracarense;
«Brandão famoso Bispo Paráense.

ANTISTROPHE 5.ª

«Em tão justa eleição, mercê tão digna
«Se augmenta a vossa gloria;
«Nisto pois imitai a Catharina,
«De quem sois neta augusta: conte a historia
«Do merito a victoria;
«E, de Bartholomeo, e Fructuoso,
«Caetano occupe o Throno magestoso.

EPODO 5.º

Disse o Genio; e logo,
Batendo as azas vai ao Céo subindo,
Em torno á sí, nos ares esparzindo
Hum clarissimo fogo,
Que toucou de MARIA a regia frente,
E o querer lhe mostrou do Omnipotente.

Ode Pindarica

EM LOUVOR DA

Serenissima Senhora D. Carlota Joaquina

PRINCEZA DO BRAZIL

No faustissimo dia dos seus annos, a 25 de Abril de 1797

OFFERECIDA AO

PRINCIPE NOSSO SENHOR

POR

Bento de Figueiredo Tenreiro Aranha

Natural do Estado do Pará

IMPRESSA EM LISBOA

Na typographia Nunesiana

Com licença da Real Meza da Commissão Geral sobre o Exame e Censura dos Livros.

Para servirvos, braço...
Para cantarvos, mente as musas dada.

Cam. Lus. *Cant. X Est. CLV.*

SENHOR

SE o filho terno, em qualquer situação, em que se ache, tem sempre direito á beneficencia de hum pai, a quem ama; o vassallo fiel pode sempre aspirar á do seu Principe, por mais distante que delle viva. E se não só os grandes sacrificios, mais ainda as pequenas offertas, com tanto que sejão puras, e sinceras, são agradaveis áquelle, de quem os Reis recebem o seu Sceptro, que mais reflexões me erão necessarias para firmar-me na presente dedicação, e para dessipar todas as medrosas idéas, que ao principio aterrarão a minha imaginação. Nascido, e creado entre os rudes arvoredos da America, da qual já mais sahi; sem a madureza dos annos, porque não são ainda muitos os que conto; e privado de soccorro de huma melhor cultura, tanto pelo Paiz, em que vivo, como pelo embaraço de acontecimentos contrarios, que formão o tecido da minha vida, eu me persuadi que não estava habilitado para sacrificar ao Publico huma Composição, que pode ter muitos deffeitos, e menos para a offertar a VOSSA ALTEZA REAL, em huma conjunctura, em que os mais sublimes

Genios de Portugal intentárão á porfia honrar-se com este Assumpto. Mas, sentindo immediatamente a força daquelles mesmos estimulos, que em tal occasião os animão, e que são communs a todos os fieis Portuguezes, posto que nascidos em differentes climas; e considerando que não só o Tejo, mas tambem o Amazonas tem a felicidade de tributar as suas producções ao benigno Sceptro, que a ambos faz igualmente venturosos, este mesmo foi hum dos motivos, que me determinarão a querer unir a minha fraca vóz ao harmonioso concerto das suas publicas acclamações; e huma das razões para me valer do Augusto Nome de Vossa Alteza, como de hum escudo sagrado contra os detractores, que tiver.

Aquelles, que não estimão as coizas se não pela qualidade, culpar-me-hão por offerecer a Vossa Alteza huma Obra tão pequena, qual he a presente Ode: mas como esta especie de composição, tão distincta na Poesia, he, posto que curta de sua natureza, especialmente destinada para os assumptos sublimes, eu não terei inveja á sorte de Horacio se Vossa Alteza se não dedignar de pôr nella os olhos, como fazia Octaviano ás daquelle Poeta. Feliz se eu o podesse imitar, para ter a dita de merecer o alto acolhimento de Vossa Alteza; e se a tal, e qual disposição, que em mim se possa talvez achar para este genero de applicação, excitada pela gloria de ter agradado ao meu Principe, me habilitasse para algum dia cantar dignamente os Seus Louvores. Os grandes Principes, como Vossa Alteza, até tem o poder de crear talentos, para immortalizar o seu Nome.

Pelo que toca ao Augusto Objecto desta Ode, nada he mais honesto do que offerecerem-se a Vossa Alteza Real os louvores da Sublime Princeza, que em virtude dos vinculos mais sagrados, fórma ametade do Coração de Vossa Alteza. O seu Nome, agora mais interessante que nunca a Vossa Alteza, e a todo o Imperio Portuguez, seja tambem quem me apadrinhe, para que Vossa Alteza releve este meu arrojo. E no espectaculo sublime, que Vossa Alteza, em tão pouco tempo, nos tem feito ver das Suas Reaes Virtudes, e Gloriosas Acções, appareça tambem a Singular Benignidade, com que se digna receber a offerta de hum humilde, e remoto vas-

sallo, que no fervor do seu reconhecimento formará sempre os mais ardentes votos pela preciosa Vida de Vossa Alteza, a Quem Deos semée de prosperidades.

Senhor

Beija as mãos de Vossa Alteza Real
O seu mais humilde, e reverente vassallo,

Bento de Figueiredo Tenreiro Aranha.

ODE

STROPHE 1.ª

Desterra ó Musa, frivolas contendas, (1)
Do futil ocio filhas,
Canta sublime as grandes maravilhas,
Que este dia te off'rece; não pertendas
Na aurea frente cingir louros colhidos
No mais baixo do Pindo, ao alto cume
Os vai buscar floridos.

ANTISTROPHE 1.ª

Carlota Augusta, em reverencia Tua,
Os animos discordes
Da Cidade, e Campina já concordes
Se unem para applaudir com gloria sua
Teus Regios Annos, as paixões se calão,
E só de gosto, a exemplo de Coutinho, (2)
Os corações se abalão.

EPODO 1.º

Famozos Portuguezes,
Erguei ledos as frontes já mirradas,
Nas pobres campas frias, mas honradas:

---

(1) Allusão á competencia, que pelo motivo de huma emulação louvavel, proximamente tinha havido entre os dois Terços Auxiliares da Cidade do Pará denominados, hum delles Terço da Cidade, e outro terço da Campina, pelos bairros, em que se achão, o que deo occasião a varias Cantigas, e Versos, que se fizerão a favor de hum, e outro, tendo tambem feito alguns o Autor desta Ode. (Do A.)

(2) O Illustrissimo, e Excellentissimo D. Francisco de Souza Coutinho, Governador, e Capitão General do Estado do Pará. (Do A.)

Vede o vosso mil vezes
Fiel amor ao Principe adorado
Dos vossos descendentes imitado.

STROPHE 2.ª

Vede que além dos mares scintillando
O raro exemplo vosso,
No remoto Pará deste alvoroço
Hoje vai os impulsos animando;
Elle me inspira, e guia á nobre empreza
De celebrar c'o a Cythara de Thebas
A Singular Princeza.

ANTISTROPHE 2.ª

E em quanto espessas sombras denegridas
Cobrem de infausto luto
O lugar, onde habitão, já corrupto,
Perfidos monstros, povos parricidas,
Que a detestavel mão... De horror se espanta,
E a voz suspende a Musa... Tú, ó Lisia,
Teus Principes decanta.

EPODO 2.º

Offerece o puro incenso
De reverente amor, em tão bom dia,
De João á Esposa, á Nora de Maria,
Duplica o zelo intenso
Da intacta fé, e assombre a redondeza
A fama, a honra, a gloria Portugueza.

STROPHE 3.ª

Real Princeza, de que o Ceo benigno
Nos fez alto presente,
De quem hoje se mostra estar pendente
Da feliz Lusitania o Grão Destino,
Escuta os sons da Lyra, com que intento
Os Mysterios cantar, que precederão
Teu Regio Nascimento.

ANTISTROPHE 3.º

Quando o Quarto João justo, e prudente,
No peito revolvia
Os trabalhos, e riscos que corria,
Por segurar-lhe, o Throno a Lusa gente,
Alta noite disperto, e hum pouco afflicto;
Então junto do leito lhe apparece
O Santo Affonso invicto.

EPODO 3.º

Eu sou (lhe diz) aquelle
Dos Luzos Reis famosos Rei primeiro,
Teu, ó Filho, teu Tronco verdadeiro.
A vir aqui me impelle
O segredo que tenho de explicar-te,
Para em teus bons intentos confirmar-te:

STROPHE 4.ª

Nesta Empreza maior do que as de Alcides,
Maior que a força humana;
Digna de ti por Grande, e Soberana,
O ditozo successo não duvides;
E posto que trabalhos arriscados
Te custe, virá tempo, em que com gloria
Serão recompensados.

ANTISTROPHE 4.ª

Tempo virá, que em vinculo apertado
Se enlacem, te assevero,
As Lusas Quinas co'Leão Hibéro,
Então perpetuamente terminado
O motivo da Guerra sanguinosa,
Teus póvos gozarão, teus descendentes
Eterna Paz ditoza.

EPODO 4.º

Na grande, rica Hesperia
Nasce quem, por Decreto do alto Fado,
Formará deste laço o nó sagrado:

Esta gloria da Hiberia
Hé essa, eu vejo, a Quem João se vota,
Que do Grão Carlos se dirá CARLOTA (1)

STROPHE 5.ª

Oh tempo venturoso! Os Mansamares
Já vem unir-se ao Tejo,
E de extranhas Nações o atróz dezejo
Unidos domão: Cessão os pezares
Das antigas Rivaes, e por CARLOTA
O quasi secco Bragantino Tronco
Nova Progenie brota.

ANTISTROPHE 5.ª

O Ceo assim permitte, o Ceo benigno,
Que as súpplicas lhe attende,
E a perdida esperança aos Lusos rende; (2)
Que ella será, eu leio no destino,
Avó, e Mãi de Reis, qual Neta, e Filha,
E que a par de João com mil virtudes
De Lysia maravilha.

EPODO 5.º

Tal presago se explica
A teu respeito o Rei que Ourique acclama,
PRINCEZA AUGUSTA, de quem hoje a Fama
Já tudo verifica;
Tal o bem, que dever te confessamos,
Taes são os votos, que por ti formamos.

---

(1) Pacto de Familia, effeituado entre as duas Coroas de Portugal, e de Hespanha, por occasião do felicissimo Consorcio de S.S. AA. RR. (Do A.)

(2) Ao tempo em que se fez esta Ode, ainda os zelosos, e fieis habitantes do Pará não tinhão o completo gosto de saber, que estavão plenamente satisfeitos os seus votos pelo feliz Parto de Sua Alteza, do qual esperavão no Omnipotente receber a faustissima noticia no primeiro Navio que lá chegasse. (Do Editor em Lisbôa).

Ao Illm.º Sr. Manoel da Gama Lobo de Almada, Coronel de Infantaria
dos Exercitos de Sua Magestade,
Governador da Capitania de S. José do Rio Negro,
e Commissario Principal
Encarregado da quarta Divisão das Reaes Demarcações

ODE (1)

Em quanto a baixa adulação, sem pejo
Contrafazendo o rosto macilento,
Com vãos ornatos, com postiças côres,
Em publico se mostra;

Em quanto off'rece corrompido incenso
Nas áras da forçada dependencia,
Com mão venal e torpes simulacros,
Que vê que estão presentes;

Em quanto ao vicio prostitue seu canto
O Vate indigno do sagrado Pindo,
Sacrilego turbando as puras agoas
Da limpida Hyppocréne,

Eu celébro a Virtude, ao Gama louvo,
Ella só, ella hé digna dos meus versos,
Vamos sinceros coroar de louros
De hum digno Héroe a fronte.

O' doce Muza, minha casta Muza,
Hoje que isenta das crueis torturas,
Que o plectro teu as vezes tem forçado,
Sonora e livres cantas,

---

(1) No anno de 1797.

Hoje, soltando as encolhidas azas,
Entregue unicamente á teus desejos,
Sem fadiga e violencia, vai voando
Serena e socegada.

De balde intenta o impavido Amazonas
Espumante e feroz embaraçar-te,
A negra, hirsûta fronte sacudindo,
Mas tu irás constante,

Apezar das correntes, á despeito
Da grão distancia, e d'horridos desertos,
Ao Gama illustre offerecer capellas,
No Guajará tecidas.

O' Gama, ó tu d'Heroes Nome preclaro,
Em toda a idade, nos oppostos climas,
Este tributo acceita, que á Virtude
Se deve em toda a parte:

Bem como o grande lucido Planeta,
Que do Ceo nos envia a luz brilhante,
Assim mesmo de longe resplandeces,
De lá meus olhos feres.

Mas qual das tuas cantarei primeiro?
Que portentos, que raras maravilhas!
Se qualquer dellas fatigar ainda
Verei Epica tuba;

Verei, verei, se as Muzas Luzitanas
Mais justas, ou mais bem favorecidas,
Deixando assumptos vãos, amor sediço,
Cajados e Cabanas,

O divino furor, o plectro eburneo
Em mais nobres empregos occuparem,
E aos altos feitos dos Varões famosos
Cantando eternisarem:

Não foi o Grego Achilles, e o Troiano
Eneas, Godofredo, nem aquelle,
Que de Ad'mastor dobrou a cerviz dura,
Mais dignos que este Gama;

Ora te vejo sobre o patrio Tejo,
Ora nos muros Tingitános, onde
A escolla sempre foi dos nobres Luzos;
Mas tu lições lhe deste:

Tu desde o berço condusido foste
Pela mão da severa heroicidade,
Que a clara fama escurecida deixa
Dos Reg'los e Fabricios:

Foi elle, hé elle o que guardando intacta
Da honra, e da palavra a fé sagrada,
Escuta ó Roma;... mas aqui de assombro
A Muza se suspende:

Se a vóz do sangue, e a vóz da natureza,
Se os horrores da mórte não te abatem,
Invicto Gama, que poder terião
Os mimos da fortuna?

Somente do dever, e só da gloria
Os dictames escutas prompto, e docil,
Só buscas a Virtude, embora sejas
Feliz ou desditoso;

Embora a vil desgraça te ameace,
Arreganhando os verdenegros dentes,
Crescem, soffrendo os furacões do Eólo,
Os corpulentos troncos;

Aos grandes homens os trabalhos provão,
Só ao merito ataca a torpe inveja;
Mas, qual firme rochedo, o varão forte
Despreza as furias bravas:

Eu vejo, eu vejo o Rio Negro ufano
Empolado e risonho despresando
Tardos soccorros, que fonte extranha
Pedia, e supplicava;

Em si mesmo, ou no peito inhexaurivel
Do seu próvido Chefe agora os acha,
Vale mais que um thesouro um'alma grande
Hé Gama o seu recurso.

Eu vejo, eu vejo... cem Leões soberbos
Fugir, deixando o Territorio Luzo,
Sem desastres, e sangue, só ao Nome
De Gama esclarecido:

Quanto fizeste!... Mas não deve a Muza
Temeraria exceder os seus limites,
Reconditos mysterios divulgando,
Que ao vulgo são defezos.

Já sobre as ondas do Uaupés medonho,
E do Chié remoto vai surcando,
Não em fortes baixeis de altiva pôpa,
De cem canhões possantes,

Não entre fidas, numerosas tropas
De Lusitana gente valerosa,
Mas só de poucos, desleaes, seguido
Inertes frouxos peitos,

N'um fraco lenho vai o novo Gama,
(Est'outro vencedor de nome eterno)
Não só por mares nunca navegados,
Desconhecidas terras;

Mas tambem por Sertões inaccessiveis,
Horrorosos desertos ensilvados,
Horriveis monstros, indomaveis gentes,
Mais feras do que as mesmas,

Brutos Selvagens, que de Adão apenas
As feições mal conservão já truncadas,
E que, de humano sangue sequiosos,
A natureza espantão;

Por varios climas, onde a mórte habita
Nos estagnados lagos denegridos,
Que corruptos vapores exhalando
Da Estyge ali rebentão,

Por tenebrosos antros, e profundas
Tétras cavernas, onde a noite reina,
Entre espectros, e horrores, rodeada
De lugubres morcegos;

Os mais viventes, té as mesmas feras
Ali não chegão, e segundo contão
Antigas tradições, á poucos passos,
Encontra-se o Cocyto;

Por trabalhos em fim de immensos modos,
No mar, na terra insolitos perigos
Da vida, da pessôa e liberdade,
Alêm dos que não digo;

De viboras crueis, de infestas pragas,
Da crua fome, e devorante sede,
Da incommoda nudez, e da maligna
Mirrada enfermidade.

Tudo venceste, insuperavel Gama;
Bem como Alcydes, e Thesêo vencerão;
Porem elles não virão o que viste,
Horrendas catadûpas;

Scylla, e Carybdes não merecem nome
Apár d'aquellas, que inda mui distantes,
Sem vistas ser, as carnes arrepião,
Co' temerozo estrondo

Dos horridos rebombos, que afugentão
Aos seus coviz os brutos espantados,
E os nadadores peixes ao seu centro,
Fugindo azilo buscão;

Milhões de Furias do profundo abysmo
Nas agitadas ondas transformadas,
Bem como ardentes legiões que animão
A' fervida peleja,

Nas duras rochas furibundas batem,
Volvem, desfazem rigidos penedos,
Entre bramidos e urros, vomitando
Serras de raiva e espumas,

Que ora parece que escalar intentão
Os altos Céos, ou já com força incrivel,
Com rapido despenho revertendo
Até o Averno descem.

Aqui, aqui, ó barbara desgraça,
Que mal, que grande mal nos preparavas!
Se o Anjo Tutellar do Rio Negro
A Patria não salvasse;

A figura tomando de hum soldado
Depressa acode ao Gama esclarecido,
Que a largos sorvos na funerea taça
Das Parcas já bebia:

Graças te damos immortal Vivente,
Por tanto bem, mil graças te rendemos;
E Tú, dos Luzos ó Rainha Excelsa,
De longe extende a vista,

A ver trabalhos, que por ti soporta
O melhor dos Vassallos, o mais digno
De sustentar a gloria do teu Sceptro
Em tão remotos climas;

Que á tantos males, e perigos tantos
Se expôem por te servir unicamente,
E faria ainda mais por teu respeito,
Se mais querer podesses;

Que descobertas uteis te offerece,
Empresas, que ainda aqui nenhum tentára,
Serviços d'alto preço, se outro preço
Quizera de os ter feito.

Porém que grande inopinada scena
Se mostra agora aos olhos meus suspensos
Que immensa multidão surgindo vejo
Desses sombrios bosques?

Dos montes descem já cobrindo as praias
Mil corpolentos vultos bellicosos,
De tangas, de pennachos adornados,
E de urucú tingidos,

Que a brutal desnudez pouco disfarção,
Onde hé somente natural o pejo,
Os mais barbaros incolos do globo,
Que cria a Zona ardente,

O Mond'rucú feroz, que todos temem,
E só de ouvil-o fica o Mura frio,
A' guerra usado, e ao sangue, que derrama
Dos cráneos, em que bebe;

Quaes feros Humnos innundando a terra,
Ou como alluvião de grandes agoas,
A' toda a parte, em todo o tempo levão
O susto, o horror, e a morte:

Mas já deixada em fim a atrocidade,
Mansos, e meigos vejo vir chegando,
E as taquáras fataes, ervadas setas,
As massas, e os carcazes

Dos horridos rebombos, que afugentão
Aos seus coviz os brutos espantados,
E os nadadores peixes ao seu centro,
Fugindo azilo buscão;

Milhões de Furias do profundo abysmo
Nas agitadas ondas transformadas,
Bem como ardentes legiões que animão
A' fervida peleja,

Nas duras rochas furibundas batem,
Volvem, desfazem rigidos penedos,
Entre bramidos e urros, vomitando
Serras de raiva e espumas,

Que ora parece que escalar intentão
Os altos Céos, ou já com força incrivel,
Com rapido despenho revertendo
Até o Averno descem.

Aqui, aqui, ó barbara desgraça,
Que mal, que grande mal nos preparavas!
Se o Anjo Tutellar do Rio Negro
A Patria não salvasse;

A figura tomando de hum soldado
Depressa acode ao Gama esclarecido,
Que a largos sorvos na funerea taça
Das Parcas já bebia:

Graças te damos immortal Vivente,
Por tanto bem, mil graças te rendemos;
E Tú, dos Luzos ó Rainha Excelsa,
De longe extende a vista,

A ver trabalhos, que por ti soporta
O melhor dos Vassallos, o mais digno
De sustentar a gloria do teu Sceptro
Em tão remotos climas;

Que á tantos males, e perigos tantos
Se expôem por te servir unicamente,
E faria ainda mais por teu respeito,
Se mais querer podesses;

Que descobertas uteis te offerece,
Empresas, que ainda aqui nenhum tentára,
Serviços d'alto preço, se outro preço
Quizera de os ter feito.

Porém que grande inopinada scena
Se mostra agora aos olhos meus suspensos
Que immensa multidão surgindo vejo
Desses sombrios bosques?

Dos montes descem já cobrindo as praias
Mil corpolentos vultos bellicosos,
De tangas, de pennachos adornados,
E de urucú tingidos,

Que a brutal desnudez pouco disfarção,
Onde hé somente natural o pejo,
Os mais barbaros incolos do globo,
Que cria a Zona ardente,

O Mond'rucú feroz, que todos temem,
E só de ouvil-o fica o Mura frio,
A' guerra usado, e ao sangue, que derrama
Dos cráneos, em que bebe;

Quaes feros Humnos innundando a terra,
Ou como alluvião de grandes agoas,
A' toda a parte, em todo o tempo levão
O susto, o horror, e a morte:

Mas já deixada em fim a atrocidade,
Mansos, e meigos vejo vir chegando,
E as taquáras fataes, ervadas setas,
As massas, e os carcazes

Aos pés depôr com reverente aspeito
Do claro Héroe da America, do forte,
E raro vencedor, que a Ley lhes dicta,
E as almas lhes vencera;

As almas, que tégora não podérão
Indomitas soffrer extranho jugo,
Olhando com rancor há trinta lustros
As Quinas Sacro-Santas;

Já, sobre as mãos eterna paz lhe jurão,
Leal obediencia; e só por elle,
Por seu respeito, perdoar promettem
A' toda especie humana.

Eis, Luza Soberana, as novas gentes
Que Gama, o nobre Gama te offerece,
E ao Paraense Imperio dilatado,
Já livre de temores,

Uteis amigos, duplicados braços,
Com que extrahir da terra os seus thesouros,
Em Cidadãos pacificos trocados
Os mesmos bravos tigres:

E Tu Religião do Ceo mandada,
Que n'esta Acção tiveste a melhor parte,
Eis os novos Prosélytos e Filhos,
Que ao seio teu se aggregão:

Tu dirigiste a mão, que os conquistára,
Os meios lhe inspiraste de ti proprios,
Sem ferro, e fogo, (ó nova maravilha!)
Sem lagrimas, nem sangue,

Que Gama poupa, só de sangue aváro
Alheio, e não do proprio que despreza,
Pois ama os homens, só detesta o crime,
Só teme a Deos, que adora;

A fé guardada a terna humanidade,
Liberal, generoza, inexhaurivel,
Os planos, e os recursos do seu Genio
Sublime, e poderoso,

As armas forão, que vencer poderão
Estes de bronze tresdobrados peitos,
Virtudes, que, sem outras, bastarião
A' gloria do seu Nome.

Eu vejo ainda, ó quadro precioso!
Eu vejo o meu Heroe co'as mãos benignas
Hir elle mesmo soccorrer propicio
A miseros enfermos;

Elle hé sensivel, grato, e compassivo,
O meu Héroe não hé de pedra dura,
Por humano consegue a melhor c'roa
Que aos Semideoses orna:

Prostado o vejo aos pés da Divindade
Os seus troféos humilde offerecendo,
Co' a mais sincera e solida piedade
O mundo edificando.

Modelo em tudo aos restos dos humanos
Tambem de Heroe Christão merece o nome,
Este nome tão raro em nossos dias
Fataes, tempestuosos:

Tremei, tremei, incredulos profanos,
Almas vîs só de estupida materia,
Que de espiritos fortes o vão nome
Buscaes no crime, e no erro,

Que os olhos fitos sobre o baixo lodo,
Se os levantaes ao Céo algumas vezes,
Hé só para insultar a Mão Potente,
Que o semeou de estrellas,

Insensatos, tremei, que um braço forte,
Hum genio vasto, impavido, e sublime
Vos confunde melhor com seus exemplos,
Que quanto Huécio prova;

Desta fonte celeste a força tira, ‹
Que o firme passo intrepido lhe guia,
Sem ella não conheço Héroe completo,
Só ella immortaliza.

E vós divina, singular, e illeza,
Immaculada Mãi, do Empyreo Gloria,
A quem Gama, com votos reverentes
Consagra eternos cultos,

Vós, á cujo supremo, e doce Nome
Este illustre mortal reconhecido
Templos erige, Altares off'rece,
Magnifico, e devoto;

Patrona digna de um Héroe piedozo,
Melhor que as falsas fabulosas Deosas
Do Filho de Pelêo, do astuto Grêgo,
E do Troiano errante,

Vós prosperaes seus dias, e succéssos,
Que sobre as firmes ázas da Virtude,
Passando além do Templo da memoria,
Hirão além dos astros.

Ao Snr. João de Mello Lobo, quando naufragou nos baixos da Tijóca, á entrada do Pará

ODE

Em vão dos bravos ventos combatido,
Bramar se vê na praia o mar irado;
As furias não abrandão os bramidos
Do denodado Boreas!

Em vão quem da desgraça sente o golpe
Geme, clama, lamenta, desespera,
As lagrimas não curão a ferida
Do penetrante ferro.

De que servio áquelle, que os presados
Haveres vio roubar-lhe a fatal cheia;
Da cabana, que os Deoses lhe guardarão,
Derribar as paredes?

Se a fazenda se vai, existe o nome,
Se um e outro, ainda resta a doce vida:
Cede todos; porém, rindo da sorte,
Alma nobre lhe fica.

Com ella ficão livres as virtudes,
Que o fazem feliz, ou desditoso;
Embora diga o vulgo cégo e rude
Aquelle he desgraçado.

Não será certamente se conserva
O leme da rasão, que da tormenta
Seguro o tornará, forçando o remo,
Ao porto da fortuna.

Infeliz o que a perde, que turbado
Das rotas vélas, dos quebrados mastros
A's vagas em tumulto se abandona
Dos empolados mares.

As vagas das paixões que nos figurão,
Em um mal aparente, um mal eterno,
Quando piloto sabes, que succede
A calma á tempestade,

Que da rapida roda, o raio ardente,
Que rasga, que revolve a dúra terra,
Não descança no chão, ligeiro sóbe,
E procura outro ponto.

Se em extrema desdita te ponderas,
Espera, Amigo, espera nova sorte,
Não afflijas os Céos, se das maiores
Desgraças não padeces.

Que disseras, se os olhos entreabrindo
Entre mãos Argelinas, viz cadeas,
Perdida a liberdade, a patria, o sangue,
Te viras sem amigos?

Oh que a amizade, a candida amizade
Hé Santelmo nos mares da fortuna:
Feliz aquelle que, mudando as Scenas,
Os amigos descobre.

Não digo que gracejes ao aspecto
Dos pacótes rolando sobre as ondas;
Dos tristes companheiros em derrota,
A' Ermitões redusidos.

Nem quero que presumas serveria
Em sorte igual meu animo de exemplo:
Eu te mostro o caminho, que encuberto
Te tinha céga mágoa.

Apára a força da cruel pancada
Em escudo de heroico soffrimento,
Quem de Christo as bandeiras segue firme,
    Quem por homem se tem;

E qual viçoso delphico loureiro,
Que ora sôffra do inverno o sopro frio,
Ora aperte o verão, não perde a galla,
    Não murcha, nem abate.

Assim deve ficar uma alma grande
Já nos máos, já nos prosperos successos,
Assim ganhar a crôa relusente
    Do mesmo louro feita.

DRAMA

PELA

FUNDAÇÃO DA CASA

PARA

Deposito de polvora

NO

RIO AURÁ, PERTO DA CIDADE DO PARÁ

Obra de grande utilidade que fez construir

O

ILL.mo E EX.mo SNR. D. FRANCISCO DE SOUZA COUTINHO

Governador e Capitão General do Estado

COMPOSTO POR

Bento de Figueiredo Tenreiro Aranha

INTERLOCUTORES

Genio Tutellar.....	do Pará
Amazonas.....	Nympha
Aurá.....	Dita

Erguendo-se o panno da bocca do Tablado mostrar-se-há no fundo do Theatro vista de Cidade, e de um Rio corrente junto á ella, e nos lados appresentarão os bastidores vista de bosque. Quando se erguer o dito panno estarão já nos seus proprios lugares, onde devem fallar, as duas primeiras figuras que apparecem, ficando a Amazonas ao lado direito do Genio em razão do Sexo, que aquella representa, e de se considerar ao mesmo tempo como uma Deidade.

ACTO UNICO

SCENA 1.ª

Genio Tutelar, e Amazonas

AMASONAS

Tutellar Genio, que o Pará proteges,
A' que alto destino, e fim me ordenas,
Que deixando o meu doce domicilio,
A gruta fresca em que descanso ha sec'los,
Hoje venha pizar as duras margens
Do Guajará, que só mortaes habitão?

GENIO

Amazona sublime, que Senhora
Hés do grão Rio, a que teu nome déste,
Como sei que o Pará sempre estimaste,
Este Estado feliz, que fertilizas
Com tuas abundantes, dôces agoas;
Como sei que na sorte te interessas
Dos seus habitadores venturosos;
E como em fim de todas as Deidades,
Que há nesta Região immensa e rica,
Hés tu a maior dellas, quiz agora
Que o novo augmento com teus olhos visses,
Que logra a gente que fiel dirijo,
E com tua presença quiz que honrasses
O publico festejo, que este dia
A superior Deosa da Justiça
Ordena-me que faça, como em premio,

Daquelle Heroe que tanto bem tem feito
Ao nosso amado povo Paráense.
Tu sabes que a Justiça igual, e firme,
Assim como castiga ao delinquente,
Assim ao benemerito corôa;
E em qualquer parte que o descubra, logo
Cuida em dar-lhe a devida recompensa.

AMASONAS

E qual hé esse Heróe? Qual esse augmento?
Qual o premio, que dar-lhe determina
A incorrupta Virtude?

GENIO

Se no centro
De tua funda aquatica morada
O nome tem soado, como creio,
Dos famosos, dos inclytos Coutinhos;
Sabe que delles hé clara vergontea
Este Heroe, de quem fallo, e que hoje fórma
As delicias, e amor, e as maravilhas
Do Pará, que governa sabio e justo.
Parece-me que vejo o teu semblante (1)
Dar signaes deste nome respeitavel:
Já te não é occulto?

AMASONAS

Não te enganas;
Que, sendo em outro tempo á guerra usada,
Entre os nobres exemplos, que contavão
Dos maiores guerreiros, esse nome
Ouvi que varias vezes repetião,
E que entre os claros, fortes Lusitanos
Erão dos mais illustres, e mais fortes:
Respeito pois seu nome esclarecido.

---

(1) Reparando para Amasonas.

GENIO

Mais o respeitarás sabendo como,
Contando ainda menos de seis lustros,
Seus dias tem ornado de virtudes;
Este mancebo Heroe, recente Alcides,
Das vis paixões as viboras decepa,
Das paixões que as melhores qual dades
A's vezes desfigurão: Elle ajunta
Ao vigor da florente mocidade
A prudencia, que os annos dar costumão:
Nutrido aos peitos da immortal Minerva,
Elle foi condusido por Mavorte,
Desde os mais tenros annos, e sabendo
A terrivel sciencia dos combates,
Em voluvel, e liquido elemento,
Dirigir com mão dextra esquadras fortes;
As artes entretanto não ignora
De fazer aos humanos venturozos,
Reger Estados, governar os povos,
Traçar, e executar projectos uteis:
Não imagines, não, cara Amazona,
Que algum tempo lhe rouba o fatal ocio;
Fiel ao seu dever, o desempenho
Deste lhe occupa todos os momentos,
Neste o seo gôsto, e seo prazer só acha;
Em quanto uma das mãos activo emprega
Em fazer á Reinantes bons serviços,
Serviços importantes, augmentando
O Regio patriotismo, por effeito
D'uma provida, e sabia economia;
Com outra o bem dos subditos promove,
E satisfeita a tropa, a disciplina,
Dos Estados arrimo, estab'lecida,
O povo forte, as Leys executadas,
Reprime o crime, anima a sãa virtude,
A industria, e o trabalho: estende os olhos
Por toda essa Cidade que se off'rece (1)

---

(1) Apontando para a Cidade, cuja vista está no fundo do Theatro como se disse.

Á' tua vista: vê por toda a parte
Em praças, ruas, maquinas soberbas,
Os effeitos que nella vão crescendo,
Das beneficas mãos do grão Coutinho;
E vai, se queres mais, vai ver aquella
Illustre Fundação, que só bastava
Para honrar o seu nome...

AMASONAS

Me perdôa,
Sublime Genio, interromper-te; afirmo
Que taes cousas me tem maravilhado!
Mas permitte-me já que te pergunte,
Donde e quando mandou o Céo propicio
Tão grande Bemfeitor á feliz margem
Do meu rio? Relata-me, e reffere
A illustre fundação que tanto louvas:

GENIO

Satisfarei, Senhora, os teus intentos
Em breve narração, porquanto vejo
Que já vai-se chegando o proprio tempo
Para o festejo destinado; sabe
Que das margens do Tejo, cuja gloria
Tem tornado mil vezes turvo, e brando
O Indo, o Ganges, o Nilo, e mais o Eufrates,
E á quem tu mesma, posto que mais rica
Em agoas, e productos preciosos,
Tens rendido gostosa vassallagem,
Daquelle Rio, de quem sabe o mundo
Ter virtudes, crear peitos briosos,
D'alî veio Coutinho, e foi mandado
Pela dos Luzos immortal Rainha,
A cujo Imperio off'recem reverentes
As quatro partes seu tributo, a cujo
Benigno Sceptro deve tantas ditas
Esta Provincia, que de ser se jacta
Do seo Imperio parte; e para prova
De que se não engana, Ella lhe manda

Em Coutinho um condigno Substituto,
Ornado assim do seo poder a força,
Como de suas intenções sublimes.
Inda o Sol duas vezes não tem feito
Do Cancer sua volta ao Capricornio,
Tão pouco tempo há pois, que ao Pará chega
O grande Heroe, o sem igual Coutinho;
E neste mesmo limitado tempo
Tem feito tantas obras gloriosas!
Mas eis a nympha do Aurá, que chega;
Quero que della escutes o que resta,
Da illustre fundação a breve historia.

SCENA 2.ª

Sahe a Nympha Aurá por hum dos bastidores do lado direito mais visinho ao Rio, e tomando a esquerda do Genio fica este no meio.

AURÁ

Salve, Celeste Genio, e vós Senhora
A' quem off'reço em minhas frias agoas
Reverente tributo...

AMASONAS

Aurá querida,
Filha gentil, eu de te ver m'alegro.

GENIO

Bem vinda sejas, ó formosa Nympha,
Hoje gloria, e praser destes contornos,
Quero que, para ouvir-mos, nos repitas
(Este o motivo foi d'aqui chamar-te)
Aquelle doce canto, que entoaste
Em honra d'essa Obra, que teo nome,
Entre todas as Nymphas destes rios,
Tornou mais conhecido, e celebrado

O seu famoso Autor. E tu Deidade (1)
Neste canto ouvirás o que pertendes
Pela bocca da Aurá: As voses sólta, (2)
Canta, formosa Nympha. .

AURÁ

Mui depressa
Vim por obedecer-vôs reverente,
Como devia; e agora farei muito
Por cumprir vosso mando, e dar-vôs gosto (3)

1.º

Do Pará o fiel povo
Vivia atemorisado,
Vendo sobre si pendente
De Jove o raio farpado.

2.º

Em seu mesmo seio tinha
O motivo de seus sustos,
No sulphurêo pó terrivel,
Que emita os trovões robustos.

3.º

Em seo muro há muitos tempos,
Que encerrava, por seo mal,
Da materia abrazadora
O deposito fatal.

4.º

Quando Jupiter no Olympo
O Céo com raios fendia;
Clamando a timida gente
Sem tino fugir queria:

(1) Fallando com a Amazonas.
(2) Tornando a fallar com a Nympha.
(3) Canta a Nympha Aurá acompanhada mansamente de alguns Instrumentos da Orchesta de modo que a letra fique bem preceptivel.

5.º

Mas em fim compadecido
Deste povo o Céo propicio,
Determina que Coutinho
O livre do precipicio:

6.º

Logo junto á minha gruta
A nova Caza edifica,
Com que a gente, sem p'rigo,
Mais bem defendida fica.

7.º

Entre a floresta, que réga
Minh'onda serena e pura,
A esconde com subtil arte
De toda a invazão fuctura.

8.º

Em poucos dias consegue
O grande intento proposto,
Em poucos dias converte
Deste povo o medo em gosto:

9.º

Todos lhe tributão gratos,
Justos, dignos louvores,
Todos vão correndo alegres
A vêr da Obra os primores:

10.º

Já minhas margens trilhadas
São de ledos caminhantes,
Até de Nymphas sabidas
Vem mil choréas brilhantes:

11.º

Graças te dou bom Coutinho,
Do Grão Pará Bemfeitor,
E do meu nome, e respeito
Amparo, gloria e louvor.

12.º

Em quanto as agoas correm
Para o tumido Oceano,
Heide cantar o teu nome,
O teu nome Soberano.

AMASONAS

Discreta letra! Sonoroso canto!
Illustre Fundação! Mas sobre tudo,
Que famoso Mortal! Estou suspensa
De tantas maravilhas!

GENIO

Ah! por certo,
Amasona, as virtudes desse humano
De maior narração erão bem dignas:
Para narra-las necessario era
Por toda a terra discorrer, que fórma
Este tão vasto Estado; suas vistas,
Seus olhos penetrantes tudo observão,
E seus influxos bemfeitores chegão
Até do Indio aos pobres Tujúpares.
Em signal pois do quanto aos Céos são gratos
Seus meritos sublimes, quiz a Deosa,
A justa Deosa, que ao principio disse,
Que tomasse á meu cargo honrar-lhe o nome,
Visto que, por dever do ministerio,
Sobre o Pará vigio. Em consequencia
Aos povos inspirei, que agradecidos
O applaudissem por modos differentes;

E assim hoje em magnifico Theatro
Em seu louvor a peça representão:
De Demophónte em Thracia; mas não julgues
Que neste só festejo se limita
O premio, que essa Deosa Soberana
Dar a Coutinho intenta; isto he apenas
Penhor do que lhe deve, um insentivo
Para novas emprezas, pois hé certo
Que a virtude louvada vive, e cresce,
E o louvor altos cazos persuade:
Lá quando em fim tiver chegado
A' clara méta, que o supremo fado
Destinado lhe tem, depois de feita
A carreira immortal dos seus trabalhos,
Então, então serão recompensados
Completa e dignamente; e a corôa
Terá, que dar costuma a justa Deosa
Ao merito, e á virtude.

AMASONAS

Céo benigno!
Assombrada me deixam taes portentos!
Teus arcanos venero. E por que causa,
Depois de tantas gerações passadas,
Rezervaste a esta idade o complemento
De teus altos designios, favoraveis
Ao Grão Pará? Celeste mensageiro, (1)
Em muita obrigação me tens, e quando
Não devesse ser grata ao grande obsequio,
Te ficaria pela nobre historia
De hum tal Heroe, de tantas maravilhas!
Meus justos sentimentos preveniste,
E desde já, cedendo á seus impulsos,
Amo a Coutinho, e já quizera dar-lhe
Demonstrações fieis, provas constantes
Do meu puro respeito; já quizera

(1) Voltando-se para o Genio.

Ver-lhe o semblante, quando, como espero,
Livre de seus trabalhos mais urgentes,
Em curvo lenho sobre as minhas ondas,
Visite o vasto Estado. Então capellas
Lhe porão sobre a fronte as Nymphas minhas
Das flores do engazeiro mais cheiroso,
Que pende sobre o rio, entretecidas
Com as variadas pennas do Tocano,
E do lindo Anambé: Então submissa
Entrearei a rapida corrente
Do soberbo Amazonas, que passagem
Lhe dê suave, e facil. Entretanto
Farei que as minhas agoas abundantes,
Os aridos desertos penetrando
Os tornem ferteis, mais fecundo inda
Do que estes campos, mais do que tem sido,
Para que, respondendo aos bons dezejos
Do provido Coutinho, o seu Governo
Assignallem nos fastos Paráenses
O mesmo inanimado, os mesmos troncos.

AURÁ

O Céo propicio tuas vozes ouça,
E cubra de mil bençoes sua vida.

GENIO

Vamos, Senhora, vamos, grata Nympha,
Vosso transporte hé justo, e vossa estima
Por hum objecto tal; porém hé tempo
De deixar-mos de humanos a lingoagem,
E ao domicilio vamos, e invisiveis
Veremos o festejo dedicado,
Por elles, e por meus influxos feito,
Em honra desse Heroe.

AMASONAS

Mil annos viva.

AURÁ

Viva o meu Protector esclarecido.

TODOS

Viva o grande Coutinho, honra dos Luzos,
Bemfeitor do Pará: Mortaes louvai-o (1)

(1) Immediatamente que acabarem de dizer as ultimas palavras descerá de cima huma nuvem na qual subirá o Genio. Quando este se for já sumindo, então com passos lentos e graves se retirará a Amazonas por entre os bastidores, que fingem bosque, e ao mesmo tempo irá a Nympha lançar-se ao rio que está no fundo do Theatro no qual desapparecerá.

Os pastores do Amazonas

DRAMA PASTORIL

Que se representou no Theatro da Cidade do Pará

NO

Dia faustissimo e anniversario de Sua Magestade

NO QUAL FESTEJARÃO JUNTAMENTE COM ESTE

O

Feliz nascimento de sua recem-nascida
e Augusta Neta

A

Serenissima Senhora Princeza da Beira

Os indios Paraenses
A' custa dos quaes se fez esta funcção, dirigidos pelo seu respectivo Intendente e Thesoureiro

OFFERECIDO

Ao Ill.mo Ex.mo Snr. D. Francisco de Souza Coutinho

Do conselho de Sua Magestade
Governador e Capitão General do Estado do Pará

E á exigencias do dito Snr.
composto por

Bento de Figueiredo Tenreiro Aranha

Natural do mesmo Estado

ANNO DE 1793

INTERLOCUTORES

Huma Napea, ou Nympha dos Bosques
Bireno..... Pastor do Amazonas
Elysa..... ..... Pastora do Amazonas
Outros Pastores, Serranos, e Serranas do mesmo

A Scena se figura nas margens do dito Rio Amazonas, ou nas do Guajará, que he como feúdatario d'aquelle, e o em que se acha a cidade de Belem do Pará.

ACTO UNICO

SCENA 1.ª

Vista de bosque, e n'elle Bireno dormindo meio reclinado sobre uns pequenos penhascos a hum dos lados do tablado, no qual da parte opposta, e mais para o fim delle se verá uma gruta.

Dueto (1)

Aos sacros Deoses
Louvores dai;
Gentes de Luzo,
Cantai, cantai:
De tão alto beneficio
A memoria eternizai.

A estas vozes disperta Bireno sobresaltado, e em quanto se finaliza o canto se poem elle em pé, procurando cheio de suspensão por todo o bosque a origem delle até que determinando-se diz

BIRENO

Que vozes; que suave melodia
Do somno me desperta! quão sonora!
Quem será! Donde vem tanta harmonia?
Nunca a ouvi semelhante sobre as margens
Do famoso Amazonas.. Mas lá vejo
Para aqui caminhando uma Serrána:
Hé Elysa, e seria talvez ella
Que o peito me ferio com voz tão bella?

---

(1) Cantando dentro dos bastidores para a parte donde está a gruta.

SCENA 2.ª

Sahe Elysa por aquelle lado em que fica a gruta, e chegando-se para o pé de Bireno diz

ELYSA

Salve Bireno. .

BIRENO

Adeos, presada Elysa,
Dize-me, acaso forão tuas vozes
Sempre doces, mas hoje mais suaves,
As que, soando neste bosque umbrozo,
Suspenderão os Zephiros, e forão
Despertar meus sentidos, que em socego
A' sombra do alvoredo repousavão?
Dize, amavel Serrana; e se tú foste,
Continúa a cantar, que dos raminhos
Já pendem para ouvirte os passarinhos.

ELYSA

Não, Bireno, eu não fui, nem sei quem fosse
D'entre os nossos Serranos, que podesse
Cantar tão digna, e tão suavemente.
O mesmo assombro, que essa voz te causa,
Tambem sentindo, venho deligente
A causa examinar. Em nossos campos,
Repara, meu Bireno, neste dia,
Hé tal a amenidade, que parece
Que a mesma natureza alegre vejo.
Tudo prazer respira, os áres puros,
Os velhos troncos com viçosas flôres,
Os doces passarinhos gorgeando,
Tudo, tudo denota neste dia
Não sei que novo gosto.

BIRENO

Sim, Elysa,
Os Deoses nos protegem certamente,
E nossos ledos, e ditosos campos
Hoje parecem delles habitados.

Côro, dentro (1)

Do largo Amazonas,
Felices Pastores,
Soltai doces vózes,
Crnai-vôs de flôres;

Fazei memoravel
Tão ditoso dia,
Celebrando o Nome
Da Excelsa Maria.

Nelle dois presentes
O Céo nos envia;
Celebrai o Nome
Da Excelsa Maria.

ELYSA

Que novas maravilhas! que sublime,
E nunca ouvido canto em nossos campos!
Suspensa fico! Quem será, Bireno?

BIRENO

Talvez dos nossos Deoses Tutelares
Estas sonoras vózes hoje sejão.
Não percebeste, Elysa, como acaba
A letra, não ouviste o doce Nome,
Que o sentido termina do seu canto?
Aquelle Nome, para nós tão fausto,
E que ha pouco se vio reproduzido
Na tenra Filha, suspirado fruto
Do grão Jozino, e singular Carlina,
Os nossos bons, beneficos Senhores.
Mas que vejo! repara... Oh Céos! Elysa!

---

(1) Em quanto assim sôa este canto, estarão os dois Pastores suspensos ouvindo, e olhando para aquella parte, donde vem as vózes.

SCENA 3.ª

Sahe a Napéa da gruta, e cantando o seguinte virá andando até ficar entre os Pastores, que em tanto mostrão a maior suspensão.

NAPÉA, *cantando*

Pastores do Amazonas dilatado,
As vossas ditas memorai, e gratos
No escuro seio dos espessos matos,
Honrai, honrai hum dia tão sagrado.

A MESMA NAPÉA, *fallando diz*

Mortaes, deixai o inopinado assombro.
Napéa deste bosque sou, Pastores,
A' que, por ordem da immortal Diana,
Da casta Deosa, que entre nós preside,
Com outras companheiras entoando
Deste dia os louvores, aqui venho
Dizer-vôs e ensinar-vôs o que hé justo,
E confórme á vontade soberana
Da Filha de Latona. Ouvi-me, attentos:
Vós já sabeis o grande beneficio,
Que Jove, tão propicio á vossos votos,
Vôs concedeo benigno; beneficio,
Que de males immensos vos livrára,
E que mil ditas nelle só promette
Aos Luzos campos, e aos que delles pendem:
Vós acabaes de ouvir o grato annuncio,
Porquanto á toda a parte a fama o leva,
Do Feliz Nascimento de Maria,
Entre vós por Marilia nomeada,
Aquella, cujo Nome excelso, e digno,
Cujo ser interessa geralmente
A' todos os mortaes; aos mesmos Deoses,
Pelo bem, pela gloria, que resulta
A huns e outros de vida tão presada.
Agora sabereis que á tanta dita
Outra mais se lhe ajunta neste dia,
Formoso dia, em que do tempo insano,
Das parcas respeitada, em fim triunfa

A grande Avó, a sem igual Maria,
Dos vossos campos Tutelar Senhora,
A benefica Maria, cujas graças
Inda mesmo tão longe vem buscar-vos:
Aquella, cujo Sceptro radiante
Chega propicio, extende os seus influxos
Ao Tejo, Nilo, Ganges e Amazonas:
A' cuja sombra alegres, e tranquillos
Os fructos recolheis da paz ditosa,
E sem temor de injustos oppressores
Em rebanhos cresceis, araes os campos:
Fieis Americanos, se de rudes,
E de insensiveis peitos, quaes já fosteis,
Em outro tempo; agora felizmente,
Pela luz da razão já penetrados,
Fugir quereis a indecoroso nome;
Se o Céo, se um mesmo Céo vos manda as chuvas,
E o verão creador; se ao mesmo Throno
Off'recem reverentes seu tributo
O Amazonas, e o Tejo, fieis sendo
Desse Quarto João aos Descendentes,
Que vossos Pais com vivas acclamarão,
Pertence-vos tambem honrar agora
Estes dois Natalicios venturosos:
Tudo vos chama, tudo vos obriga
A' tão devido obzequio, o vosso nome,
O dever, gratidão, vosso interesse,
D'outros povos o exemplo, e finalmente
A ventura de terdes em Coutinho,
Hum Maioral, que nisso se interessa,
Que vôs ama, vôs honra, e vôs anima,
Como da mesma Patria dignos filhos;
Coutinho, em cuja vinda recebestes
De Marcia mais hum novo beneficio;
Em fim os mesmos Deoses Soberanos,
A Sacra Delia quer, e assim ordena
Que neste dia dêis a justa prova
Da vossa gratidão; e convocados
Por tão forte motivo os mais Pastores,
O Nome festejeis, e o Nascimento
De Maria primeira, e da segunda,

De Marcia, e Marilia Soberanas,
Cujos nomes por vós são mais usados,
Que os mesmos Deozes amão: esta a causa,
Este o digno motivo, que me guia,
E que a vós, ó Pastores, que entre os outros
Mais attendidos sois, mais respeitados,
Para aviso fazer-vôs me dirije.

BIRENO

Excelsa Semi-Déa, as tuas plantas (1)
Acceita d'hum mortal a reverencia
(Suspenso, e embaraçado a penas creio
No mesmo que estou vendo!) Sacros Deoses,
Sublime Nympha, que farei, que graças
Vos são devidas por mercês tão raras?
Quanto amaes aos mortaes? Que grande dia
De maravilhas cheio!

ELYSA (2)

Sacra Nympha,
Immortal habitante destes bosques,
Meu respeito e homenagem te tributo,
E em minha suspensão te rendo as graças
Dos portentos de que hoje te dignaste
Que testemunha fosse: de que modo
Responder poderemos dignamente
A' graças taes?

NAPÉA

Pastores, levantai-vôs,
E sem tempo perder, correi ligeiros
A dar execução ao Sacro mando
Da casta Delia: convocados hoje
Outros Serranos, como já vos disse,
Que armados de festões, e de mil flôres,

---

(1) Curvando hum joelho deante della.
(2) Prostando-se tambem.

Qual o dia requer, aos Deoses honrem,
E festejem por modos variados
Este dia feliz, e assignalado.

BIRENO

Obedeço, alta Nympha, a teu mandado,
E ao Decreto de Delia soberana
Obedecer hé pouco, pois minh'alma
Com assombro, e alegria não atina
No modo d'hum mais justo desempenho:
Taes graças, e favores tão subidos
D'hum fraco humano a gratidão excedem.

ELYSA

Obedecer hé pouco.

AMBOS

Mais devemos
Fazer reconhecidos em tal dia
De tanta suspensão, tanta alegria. *(Vão-se)*

SCENA 4.ª

Fica só a Napéa, e canta em recitado:

Já, Luzos, já cessarão, fieis Luzos,
As fervorosas supplicas, os votos
Com que os Céos fatigando, aos Céos pedieis
A suspirada Prole,

Já sobre as plummas do dourado berço,
Das graças, e virtudes rodeada,
Vôs estende risonha a mão propicia,
A tenra mão mimosa,

Do antigo tronco a augusta vingadora,
Do Invicto Affonso a Clara Descendente,
De João adorado a Filha, e gloria,
A Neta de Maria;

Maria, cujas inclytas virtudes
O Céo attende, e seus dourados dias
Neste dia feliz renova, e firma
Em duplicados fios.

Chegai, ó Povos, concorrei, ó Luzos,
Das quatro partes, dos oppostos climas,
Vai adusto Brazil, vai reverente
Beijar-lhe humilde a planta.

Aria

Dos varios orbes
Todas as gentes,
Os mesmos Deozes
Dos Céos luzentes,
Eu vejo ledos,
Ledos estão.
De Estygio lago
Então jurárão,
Que o claro dia,
Que tanto amárão,
Perpetuamente
Brilhar farão. *(Vai-se)*

SCENA 5.ª

Côro, dentro

A' Sacra Diana
Nossos dons levemos,
Da nossa ventura

A causa entoemos;
A Marcia, e Marilia
Louvores cantemos. (1)

BIRENO

Eis o altar de Diana, que preside
Aos nossos campos sempre favoravel,
E que hoje mais que nunca se interessa
Nas nossas ditas: Caros companheiros,
Vamos, vamos, levar-lhe reverentes
Os dons sinceros, as off'rendas puras
Do nosso justo amor reconhecido:
Assim convêm que gratos comecemos
O festejo, e os prazeres deste dia.
Já vôs contei, Pastores, como a Deosa,
(Elysa bem ouvio) dignou-se pia
De avisar-nos por meio de huma Nympha
Do que fazer deviamos; agora,
A' tão alto favor assignalado,
Devemos gratos ser, e então depois
Que ao justo Céo tiver-mos satisfeito,
Por tantos tão sensiveis beneficios,
Quaes hoje experimentamos; sim, Pastores,
Quaes hoje nos concede o Céo propicio,
Cantemos, entoemos nossas ditas,

---

(1) Acabado o côro, e levantando o 2.º panno apparece vista de bosque, ou campo matisado de flôres, e no meio o altar de Diana com o retrato da Deosa, e em cima do retabulo as Armas Reaes de Portugal: Aos dois lados do altar ver-se-hão quatro grossos troncos de grandes arvores, duas de cada banda, formando como duas álas, e por entre estes troncos, ou arvores virão sahindo Pastores e Pastoras, huns e outros pelos diversos lados, e adiante de todos Bireno, e Elysa, vindo todos elles ornados festivamente, e pelo modo mais vistozo, que for possivel, atendendo a propriedade, e a occasião, com grinaldas de flôres na cabeça, e nas mãos trarão as Pastoras açafates de flôres, e os Pastores pombos, com as suas flautas penduradas aos lados, e chegando ao meio do Tablado formão um semicirculo á direita do qual occuparão as Pastoras.

Unamos todos, todos os prazeres,
De que os singelos peitos são capazes,
Em louvor deste dia memoravel.

ELYSA

Vamos, Pastores, vamos fervorozos
Offertar nossos dons á casta Delia.

Duêto

BIRENO E ELYSA

Sublime Diana *(Bireno)*
Que dá vida ás flôres,
Os votos acceita
Dos simples Pastores;

Acceita o tributo *(Elysa)*
Que nós te rendemos,
Pelo bem, que agora
De ti recebemos:

De Marilia, e Marcia *(Ambos)*
Que tanto estimamos,
Os dias preserves
Nós te supplicamos. (1)

BIRENO

Soltai, Pastores, gratas cantilenas,
Embocai, embocai as dôces flautas,
Tudo fazer devemos neste dia,
Em honra de Marilia, e Marcia augusta. (2)

---

(1) Acabado vão a dois, e dois os Pastores e as Pastoras pôr seus dons sobre a banqueta do altar, a saber os açafates de flôres, e os pombos, e tornando em ordem para o mesmo lugar em que estavão.

(2) Tirão os Pastores as flautas do lugar em que as tinhão, ficando com ellas na mão direita.

BIRENO, *cantando em recitado*

Quantos prodigios, quantas maravilhas
Se não vêm neste dia esclarecido?
Que bens não tem os nossos ledos campos
Da benefica Marcia recebido?
Lá sobre os dilatados orizontes
Mostra hoje Phebo novos resplandores,
E assim como diffunde a luz brilhante,
Assim Marcia Sublime os seus favores.

Aria

Alta Marcia, se teus dias
Contão ledos os humanos,
Teus favores Soberanos
Ninguem pode numerar:
Dos annos á furia cedão
Embora esses troncos rudes;
De Marcia os dons, as virtudes
A farão eternisar.

ELYSA, *cantando em recitado*

De quantos males, quantas desventuras,
Nôs não livrou propicio o Céo piedoso
Nesse dia feliz, em que Marilia
Teve o seu nascimento venturoso?
Tristes annuncios, funebres presagios
Já não causão ao peito mil temores,
Desfez-se a nuvem, que assustava as gentes,
Nasceu Marilia, socegai Pastores.

Aria

Já cessou, já se não ouve,
No cume d'aquelle Outeiro,
Do pavoroso agoureiro
O noturno sibilar.

Só se escuta, que ventura!
Marilia excelsa louvando,
Das aves o côro brando
Doces cantos modular. (1)

Duêto

Os fructos da paz *(Bireno)*
Os campos floridos
A' ti grande Marcia,
A' ti são devidos.

Ao nascer Marilia *(Elysa)*
Fica livre a terra,
Do triste temor
Da perfida guerra.

De Marcia sublime *(Bireno)*
Mil bens recebemos.

A' tenra Marilia *(Elysa)*
Quanto não devemos?

De Marcia, e Marilia *(Ambos)*
O Nome entoemos. (2)

BIRENO

Nossas vozes, Pastores, são inimitaveis,
O vento leva; e para que constantes
Da nossa gratidão, do prazer nosso
Os signaes perduraveis hoje sejão,
Vamos, vamos gravar nos duros troncos,
Nos troncos, que alî vêdes, a memoria
De dia tão ditozo.

(1) Tocão agora os Pastores um breve concerto de flautas, e terminando tornarão os dois a cantar este Duêto, cujos intervalos, e pauzas serão occupados pelas flautas.

(2) Tornão a tocar as flautas um pouco de tempo até que Bireno continúa.

ELYSA

Vamos, vamos. (1)

Inscripções

1.ª (2)

A' casta Diana,
Por tal beneficio,
De que somos gratos,
Este seja indicio

2.ª (3)

De tantas venturas,
Neste dia unidas,
As memorias fiquem
Aqui transmittidas.

3.ª

A' Marcia sublime
Seja dedicado
Deste antigo cedro
O tronco sagrado.

4.ª

Com Marilia cresça,
E mil flôres deite,
O novo loureiro,
Que o tempo respeite. (4)

Duêto

Moradores do Amazonas,
Pastores desta Campina,
Applaudi fieis o dia,
Que o Céo renovar se digna.

Tu hés, Marcia Soberana,
De nossos campos Senhora,
Tu, Marilia, amparo nosso,
Hés de Marcia Successora. (5)

---

(1) Vão todos, e chegando-se para o pé dos quatro grossos troncos, que estão junto ao altar de Diana, tirão das algibeiras os seus instrumentos de aço com que fingem entalhar nos troncos as seguintes Inscripções, as quaes á proporção que forem fazendo, irão apparecendo em letras grandes, é illuminadas de modo que da Platéa se possão ler.

(2) A primeira, e terceira á direita do altar.

(3) A segunda, e quarta á esquerda do altar.

(4) Em quanto os Pastores fazem estas Inscripções, bem entendido, que cada hum abra a sua, as Pastoras as irão ver, e acabadas que sejão tornão todos para o mesmo lugar.

(5) Torna-se a repetir hum breve concerto de flautas.

BIRENO

Somos ditosos, caros companheiros,
Sejamos gratos a favores tantos,
Com que o Céo neste dia nos distingue:
De Marcia, e de Marilia Soberana
O caro nome, a preciosa vida
Sinceros votos sempre nos mereção.
Em tanto a nossa festa terminando,
Se vôs parece, vamos, meus Pastores,
Ver as que fazem, pela mesma causa,
Segundo ouvi, as gentes da Cidade,
Mais ricas do que as nossas, não mais puras.
Vamos, Elysa, vamos; pois he justo
Que este dia guardando, em honra sua,
Deixemos nossos rusticos trabalhos,
Deixemos tudo, e só nos occupemos
Nos seus applausos.

ELYSA

Sim, Bireno, vamos,
He geral, he tambem o prazer nosso.

TODOS

Louvemos com reciproca alegria
De Marcia, e de Marilia o grande dia. (1)

Côro (2)

De Marcia Sublime
Mil bens recebemos,
Na tenra Marilia
Mil ditas teremos:
De Marcia, e Marilia
O Nome entoemos.

---

(1) Vão-se, e na retirada irá cantando o côro.
(2) Entretanto abate-se o panno.

A Felicidade no Brazil

DRAMA EM HUM SÓ ACTO

Para ser executado no Theatro Publico da Cidade do Pará

Á 13 DE MAIO DE 1868

Dia faustissimo e anniversario de Sua Alteza Real

O

PRINCIPE REGENTE NOSSO SENHOR

Chegado á cidade da Bahia
na sua viagem para a do Rio de Janeiro
CAPITAL DO BRAZIL

Composto por determinação

DO

Ill.mo e Ex.mo Sr. José Narcizo de Magalhães de Menezes

Governador e Capitão General do Estado do Para

POR

Bento de Figueiredo Tenreiro Aranha

NATURAL DO MESMO ESTADO (*)

(*) O Autor tinha esclarecido com algumas notas este Drama para ser impresso; mas fallecêo antes de que assim fosse. (Do E.)

Para servir-vos braço...
Para cantar-vos mente ás Musas dada:
Só me fallece ser a voz aceita
De quem virtude deve ser presada.

Cam. Lus. *Cant. 10. Est. 155*

OBSERVAÇÃO PRÉVIA

Os mui poucos dias que mediarão entre a concepção deste Drama, e a sua producção; a extraordinaria acceleração, com que foi preciso faze-lo, e desde 25 de Abril distribui-lo, ensaiar, e apromptar para poder servir no dia destinado, a triste situação actual da terra, falta de todos os recursos necessarios para que contando-se com elles se podesse formar um plano mais vasto, mais brilhante, e digno do objecto, e finalmente a necessidade em que se vio o seu Autor de mudar, e alterar em grande parte, já quasi depois de concluido, a fim de satisfazer unicamente a quem não podia deixar de obedecer; tudo isto junto ás razões publicas, e ás circumstancias politicas, e assás melindrozas do tempo, nas quaes se não podia deixar de tocar, mas que era precizo faze-lo sempre com a possivel circunspecção e delicadesa: tudo isto digo deve ao menos servir de desculpa ao mesmo Autor, se no juizo dos mais inteligentes se assentar que elle o não desempenhou como devia, e como o seu coração e ardente patriotismo, mais ainda que o seu espirito, desejava. (do A.)

INTERLOCUTORES DO DRAMA

1.º O Grande Genio Tutelar e Superior, que preside aos destinos de todo o Brazil.
2.º Huma Nympha do Rio Amazonas.
3.º O Genio Tutelar do Cabo Frio, Subalterno do primeiro.

Côro de Nymphas do Amazonas

A Scena representa-se nas margens do Rio Guajará, feudatario do Grande Amazonas, perto da Cidade do Pará.

ACTO UNICO

SCENA 1.ª (1)

Levantando o Panno, depois da symphonia apparece logo:

O GRANDE GENIO DO BRAZIL

Abrio-se a fatal urna dos destinos;
Eis chega o tempo, eis chega o claro dia,
Que em vão há tantos sec'los desejas,
Immensa Região, ó Novo Mundo:
Já novos Astros sobre ti scintilão,
E já compadecido o Céo benigno
Da antiga escravidão, misera sorte,
Hum novo Ser, hum novo Sol te envia:
Verás os seus influxos creadores
De mais perto animar teus ferteis campos,
E fazer que da terra surjão montes
De ricos mineraes, preciozos, finos,
Que até gora em teu seio sepultados
Infelizmente estavão: Verás inda
Flôrecer o teu nome, e o teu commercio:
Verás teus habitantes animados,
Protegidos verás, quaes filhos caros,
De hum Pai commum, de hum Bemfeitor Augusto,
Que dando-lhes a Mão, que alegres beijão,
Com ella os erguerá do abatimento:
Inuteis, e infelices até gora,

---

(1) Vista de bosque, e no fim do Theatro se figura hum Rio junto ao qual estará huma gruta, a hum dos lados do tablado. E além do Rio muito ao longe apparecerão alguns edificios, que representão parte de huma Cidade.

Aos bandos sahirão milhões de humanos
De incultas brenhas, de sertões medonhos,
Em Cidadãos fieis já transformados,
Já conhecendo o Deos, que o ser lhes dera,
A Ley seguindo já, que os fez ditosos,
Dos braços sahirão da torpe inercia;
E, deixados os barbaros costumes,
Polidos os verás, e industriosos:
Fabricas uteis, uteis officinas
Nova fórma dárão, vantagens novas
Aos immensos, riquissimos productos,
Que te deo liberal a natureza:
Teus densos bosques, asperos silvados,
Corruptos pantanaes verás mudar-se
Em formozas planicies; teus desertos
Em verdes campos, em jardins viçozos;
Largas estradas, nobres edificios,
Sumptuosos palacios, altos muros,
Vastas cidades, torreões soberbos:
Nascerão, crescerão em teus regaços,
Cheias d'honra, e de gloria as bellas Artes,
E as immortaes Sciencias luminosas:
A Piedade, a Justiça, as Leis sagradas
Sobre ti reinarão com sceptro de ouro,
Os teus ferreos grilhões despedaçando.
Oh Brazil! Oh Nações já venturosas,
Que habitaes este vasto Continente,
Alegrai-vôs comigo, vinde, vinde
De toda a parte a festejar tal dia!
E vós, ó moradores deste Rio,
Que sois dos mesmos bens participantes,
A' alegria commum tambem juntai-vôs.
Mas eis que já d'aquella cavernoza (1)
Gruta vejo sahir com grave passo
Huma Nympha do rapido Amazonas,
Ou do Guajará brando e socegado,
Seu tributario...

---

(1) Vem sahindo da gruta a Nympha do Amazonas, a qual se encaminha para o Genio, e toma o lado esquerdo deste.

SCENA 2.ª

NYMPHA DO AMAZONAS, *fallando com o Genio*

A ti meus passos guio,
E ou sejas um mortal, ou sejas Nume,
Se bem que hum Semideos te considero,
Eu te saúdo reverente, humilde.
Em minha fria, solitaria gruta
Tuas vozes chegarão, teus accentos
De divinal unção acompanhados,
Da mais suave força, a que não pode
Resistir peito algum de pedra, ou bronze:
¿Mas quem hés? Me permitte que eu pergunte;
¿E quaes são; donde vem tantas venturas,
Que annunciado tens ao Brazil nosso?

GENIO DO BRAZIL

Sou do mesmo Brazil o grande Genio,
O Genio Tutelar que por Ley alta
Do Supremo Senhor, que rege os Orbes,
Benigno, Justo, Providente, Immenso,
Presîdo á sorte, influîo nos destinos
Desta vasta porção do Novo Mundo,
A quem de métas, e limites servem,
Da parte do Aquilão, da parte do Austro,
Os dois maiores Rios do Universo. (1)
Já deste dilatado Continente
Piza a terra fecunda, o ar respira
Seu Magnanimo, Augusto Soberano,
O Filho digno da Immortal Maria,
O Principe adorado, amparo e gloria
Deste mesmo Brazil, delicias nossas,
João, Sexto João..., mas o Primeiro,
Que como Sol raiou neste horisonte,
Que veio encher de luz...

---

(1) O Amazonas, e o Prata.

NYMPHA

Sagrado Genio,
Minha pura homenagem te tributo
Cheia de assombro, e justo acatamento:
Hum subito prazer faz que interrompa
De teu alto discurso o aureo fio,
Ouvindo-te narrar taes maravilhas!
¿Mas, dize-me, onde está o nosso amado?
¿Onde existe este Principe adorado?

GENIO DO BRAZIL

Na rica populosa e grão Cidade,
Que dos Caramurús foi berço antigo:
Ali co' a Soberana Mãi Excelsa,
Da Regia Espoza, e Prole acompanhado,
A sagrada Pessôa isenta aos damnos;
Já livre, e vencedor da inveja, e sanha
De Neptuno feróz, de Eólo insano,
Que de balde este Imperio lhe disputão,
Aos fados superior, e ás impias furias
Do negro, do vóraz, faminto Inferno...
Por hum Deos, que ama o justo, protegido,
Unico, Santo, Omnipotente, e Eterno,
Pelas suas virtudes sustentado,
João começa alî a nova serie
De coizas que estes climas nunca virão:
Premios, favores, graças mil reparte;
Já dicta as novas Leys, os planos traça,
Que farão pára sempre venturosos,
E respeitados do Brazil os povos.

NYMPHA

Oh mil vezes felices os primeiros,
Que tal honra tiverão, que tiverão
A dita de beijar-lhe a Mão Augusta!
Que, bem como da Aurora quando nasce,
De perto vendo então a face pura,
Serena e magestoza, as caras Prendas,
Ternos penhores, doces esperanças

Nossas, e fructos de tão bons Senhores,
Que eterna fé lhes jurão; que submissos,
Prostados á seus pés, já lhes off'recem
O tributo, as primicias mais sinceras
Do mais ardente amor, e da mais firme,
E fiel vassallagem...

GENIO DO BRAZIL

Nympha Bella,
Inda não sabes tudo, eu tenho ainda
A revelar-te novas, grandes coizas:
Saberás pois que neste mesmo Dia,
Dia brilhante memoravel, fausto,
Para bem do Brazil, e para gloria
Dos humanos, do mundo inteiro digo,
Nasceo esse bom Principe adorado,
Que por Senhor, e Pai tu reconheces;
Hoje renova alegre o Sol luzente
O seu Anniversario magestozo;
E hoje mais do que nunca os povos todos
Deste vasto hemisferio unidos devem,
No fervor, no prazer, nos sentimentos,
Marcar, assignalar tão grande Dia,
Por novos modos, variadas fórmas,
Quaes até gora nunca usado tinhão;
(Pois há razões, e causas tambem novas)
E este mesmo o motivo digno e grande,
Que faz que eu mesmo annuncial-o venha
A tão remoto, tão distante clima;
Motivo digno pelo seu objecto,
E digno juntamente de que á outro
De meus subordinados não cedesse
A gloria desta empreza á mim devida,
Até pelo cuidado, e pela estima
Que me tem merecido em toda a idade
O Famoso Paiz das Amazonas.

NYMPHA

Quanto, ó Genio sublime, te devemos
A' teu alto favor, á teus influxos!

GENIO DO BRAZIL

Tu, que logras a justa primazia,
Entre as outras Deidades deste Rio,
Convoca todas, conta-lhe o que sabes,
E o teu ardente zêlo o mais dispônha.

NYMPHA

He pouco obedecer, quando o preceito,
Além de obrigação, prazer infunde,
Quando ao dever, que a alma reconhece,
Tambem do coração se ajunta o gosto:
Seguirei, alto Genio, os teus mandados,
Seguirei da virtude o nobre impulso;
Farei que a gratidão e lealdade,
O puro, ardente amor, os votos puros,
Dos fieis habitantes do Amazonas,
Tristes, e rudes no pensar do vulgo;
Mas por isso talvez, por isso mesmo
Mais fieis, mais leaes, mais virtuosos,
Do que esses que illustrados se apregoão,
Sirvão de normas, de exemplares sirvão
Hoje á todos os povos do Universo,
Bem como aos seus Maiores já servirão, (1)
Quando ao quarto João as provas derão,
A' custa dos seus bens, suores, sangue,
Da mais prompta, e distincta vassalagem:
Farei que estes solicitos, e alegres,
Co'a mais pura homenagem, vão agora
Levar aos pés do Throno o seu tributo,
Ouro fino, luzente pedraria,
E outras mil producções de grande preço,
Em que abunda este clima portentozo
Nos tres reinos da fertil natureza.
Farei que com presteza, e força ingente,
A noticia levando, soprem, quebrem
Os nús Tritões, os retorcidos buzios,

(1) Allusivo ao vallor com que debellarão aos Hollandezes. (do E.)

A fim de que velóz á toda a parte,
Onde extende o Amazonas os seus braços,
Dilatados, immensos, infinitos,
Desde o lugar em que com a ponta fria
Do pé repélle as ondas do Oceano,
Até onde a cabeça magestosa
Tem sobre as urnas do ouro reclinada,
Chegue a nova feliz das nossas ditas:
Farei que as minhas Nymphas sem demora,
De finissimas conchas adornadas,
Teção louvores, canticos entoem
Ao Senhor do Brazil, Principe Nosso:
Finalmente farei, farei que seja
Aqui nas margens deste mesmo Rio,
Que banha o Grão Pará co'as agoas suas,
O ditozo lugar, lugar primeiro,
Em que, servindo aos mais de exemplo e guia,
Hoje se escute, veja-se este dia,
Entre os sonoros, clamorozos vivas,
Pelo meu coração, meu zelo ardente,
Por minha vóz e lingoa proclamado,
O Novo Imperador do Novo Mundo.

GENIO DO BRAZIL

Viva, viva, repita o Brazil todo
O Grande Imperador do Novo Mundo (1)

---

(1) Bem desejava, e esperava o Autor que esta Acclamação publica, e sincera, a que elle animado de hum enthusiasmo patriotico, e de um espirito o mais puro de fiel vassalagem, teve a honra, póde-se assim dizer, de dar aqui o tom, e fazer na composição deste Drama como a primeira vóz, fosse igualmente seguida e repetida por todos os seus Expectadores. As actuaes circumstancias, e os grandes acontecimentos presentes, que augurão, e felizmente preparão o novo destino do Brazil, bem merecião em semelhante occasião da parte dos habitantes delle esta justa demonstração, ou viva expressão de sentimentos dignos de qualquer povo illuminado, e sensivel. (do A.)

Os desejos e esperanças do Autor em 1808, ou para melhor dizer as suas inspirações, chegarão a realizar-se, por fórma ainda mais admiravel, no anno de 1821. (do E.)

NYMPHA

Entre tantos motivos de alegria
Hum só me falta, que encobrir não posso;
Falta-me vêr sómente o gesto amavel
Do meu Principe amado, a mão beijar-lhe,
De viva vóz meu culto offerecer-lhe,
Meus votos protestar-lhe; e na Presença,
Que para ser feliz basta gosa-la,
Derramar ternas lagrimas de gosto.

GENIO DO BRAZIL

Tambem o grande Deos, que rege os Orbes,
Os humanos não vêm; porém o adôrão,
E só por suas obras reconhecem
Quanto he digno de amor e de respeito:
Os cultos que se rendem, os serviços
Que se fazem, se está o objecto ausente,
Ou distante, maiores são, mais puros:
Mas eu, Nympha gentil, já tinha em parte
Prevenido os teus vivos sentimentos,
Já tinha os teus desejos antevisto;
Por isso brevemente o Regio Busto
Aqui terás de tão querido Augusto.
Ao Genio Tutelar do Cabo Frio,
Hum dos meus Subalternos, ordenado
Tenho, que com ligeiro movimento,
Subtil e ethereo; mas com pompa egregia,
Com decencia Real conduza, e faça
Venerar sobre as margens do Amazonas
O Retrato fiel, a Sacra Effigie
Do Soberano mais fiel, e amavel,
Mais pio, virtuozo, e mais humano,
Que o Universo respeita, o Céo estima.
A Copia supre o Original; e vendo
Ella te ha-de inspirar encantos novos,
Novas idéas, compensar teus votos.

NYMPHA

De alvoroço, e praser o peito exulta!
De gratidão, e gosto não atina

O que deva fazer nos seus transportes!
Amor, obrigação, virtudes santas,
Vinde ensinar-me o que fazer eu deva!
Genio sagrado, inspira-me tu mesmo,
Bemfeitor generoso, tu ó Nome,
A quem devemos maravilhas tantas.

GENIO DO BRAZIL

O mesmo coração inspira, e move,
Os deveres prescreve, quando delles
Alta, e profundamente possuido,
E penetrado está; os que elle dicta
Sempre os mais naturaes, e mais sinceros,
São mais puros tambem, mais acceitaveis:
Segue, bella Deidade, os seus impulsos,
E aos outros habitantes deste clima
O mesmo lhes inspira, o mesmo fação;
Que eu entretanto de maior altura,
Ou d'huma ou d'outra margem do grão Rio,
Invisivel já vou, e sobranceiro
Ver como os gratos povos do Amazonas,
Neste tão singular propicio Dia,
Correspondem fieis á meus cuidados,
A' minha inspiração, aos meus influxos. (1)

SCENA 3.ª

NYMPHA, *SÓ*

Celeste Genio, não nôs desampares:
Nós seremos fieis aos teus influxos;
E eu vou já transmittir á toda a parte
A noticia feliz, o fausto annuncio,
De amor os ardentissimos effeitos,
Do supremo dever ás Leys sagradas:
Vou dispôr, prevenir as Nymphas minhas

(1) Descendo rapidamente uma nuvem, e rodeando o Genio, este nella envolvido sóbe, e desaparece por entre as bambolinas.

Companheiras fieis a que no entanto,
Que outras mais expressivas se preparão
Demonstrações de jubilo, e de gosto,
Outras de gratidão, e lealdade
Provas sinceras, certos testemunhos:
Ellas os instrumentos afinando
Louvores teção, canticos ensaiem
Ao grão Triunfador de tempo insano,
Das ondas, e das furias conjuradas;
Ao Augusto João delicias nossas,
Benefico Senhor, Pai carinhoso;
Para que desde logo que o seu Busto
Entre nós appareça, o seu Retrato,
Como o primeiro dos tributos nossos,
Das mesmas frias e musgozas grutas
Mil vózes saião, mil suaves hymnos,
Que os áres rompão, que os mortaes despertem. (1)

SCENA 4.ª

GENIO TUTELAR DO CABO FRIO, *SÓ*

Debalde pertendeis roubar-me a gloria,
A gloria singular, que os Céos me derão,
Vós de todo o Brazil, povos diversos.
Do Cabo Frio vigilante guarda,
Constante defensor, Tutelar Genio,
A que serve de insignia, e de divisa
Este que empunho rutilante, e forte
Sceptro de prata em minha dextra firme,
Eu sustento, eu promôvo a sorte, a honra
Daquella parte do Brazil extensa,
Que fica ao Súl do mesmo; e especialmente
Da Capital famoza deste Imperio.
Nella por eleição, por alta escôlha
Assentar, e firmar seu Throno excelso
O soberano vem do Novo Mundo.
E se tú, C'ramurú, tiveste a dita

(1) Retira-se pelo bastidor mais visinho á Gruta.

De ser aquella que primeiro viste
Sobre teus dilatados horisontes
Luzir, brilhar João, qual Astro novo;
Isso escôlha não foi, não foi conselho;
Foi acazo, foi impeto furiozo
Das cegas ondas, e dos rudes ventos,
Das impias negras furias agitadas:
Mas o Principe invicto á nada cede,
Não se aballa, nem muda de projecto;
Bem como em sua lucida carreira
O luminoso Phebo, á toda a parte
Sim manda os seus beneficios influxos,
Sim á todos illustra com seus raios,
Todos os povos do Brazil lhe devem
Graças mil, todos devem-lhe homenagem,
Gratidão, lealdade, amor sincero;
Porém o Centro, e orbita luzente
Deste Sól, deste maximo Planeta
Hé por certo o lugar mais venturoso,
Que nesta esphera seus influxos goza,
E que do braço meu a força ampara:
Ditosa Região; mas sobretudo
Illustre, bella, Capital ditoza,
Que do primeiro mez o nome tomas,
E que d'ora em diante serás dita
Cidade de João, Cidade Augusta! (1)
Nos livros do destino estava escripto,
Que inda hum tempo viria, hum tempo inda,
Em que feita das gentes a Princeza,
Verias a teus pés ajoelhar-se
As varias Regioens, os varios climas,
E todo o habitador do Novo Mundo.
Por ocultos reconditos principios
D'uma alta Providencia impenetravel,
De hum saber Infinito, que do nada,
Do mesmo horrivel cahos o mundo tira
Ordenado, e brilhante; que da massa
Dos males tira bens inexplicaveis;

---

(1) De Heroica e Leal teve depois e tem o titulo. (do E.)

Que permitte os trovãos, e as tempestades,
Não só para punir, mas igualmente
Para bem dos mortaes, quando lhe agrada,
Que tem nas suas Mãos os elementos,
Os homens, os reptis, os Céos, os globos,
Que muda, que destroe, que estabelece
A grandeza, e fortuna dos Imperios;
E para justos fins sempre admiraveis,
Tudo move, dispòem, ordena, e manda.
Elle mesmo assim quiz, ó Rio illustre,
Que tu sejas o Emporio do Univerno,
Que desde o Indostão té o Amazonas
Busquem tua alliança, o teu commercio,
Que venhão cultivar teus ferteis campos,
Povoar teus sertões, vastos, e immensos
De todas as Nações milhões de humanos:
Atrahidos viráõ, viráõ chamados
Pelas tuas riquezas, e abundancia,
Por tuas novas Leys, Leys salutares,
A quem respeitarão fieis, submissos,
Formando unidos já debaixo dellas,
De teu Sceptro suave, e dilatado,
Hum só Corpo e Nação, hum mesmo Imperio: (1)
Tu finalmente servirás de abrigo,
Serás a Mãi commum dos desgraçados,
E dos que benemeritos buscarem
Das quatro partes do Orbe nos teus braços
Azilo, protecção, favor e amparo.
E vós, ó povos do Amazonas rico,
Que sois por esta parte os Defensores
Dos sagrados limites inviolaveis
Do novo Quinto Imperio em fim chegado: (2)
Vós que em maior distancia estaes do pollo,
Que mais longe viveis do nosso Augusto;
Mas que haveis assim mesmo em toda a idade
Dado provas sinceras, e constantes
Da nossa pura fé, do nosso zêlo,
Vós tendes grande parte, ó leda gente,

---

(1) Assim está realisado o pronostico do Autor. (do E.)
(2) E com effeito assim chegou a ser em 1821. (do E.)

Na ventura geral dos Brazileiros;
E por muitos motivos sois credôres
De attenção singular, de rara estima,
Que o mundo vôs inveje, o Céo destinga:
Disto vou darvos a mais alta prova,
E por Mão superior encarregado,
A fim de consolar-vôs na distancia,
Como hum presente, e dom mais precioso,
Eu vôs trago, ó Mortaes, o Regio Busto,
Huma copia fiel, Retrato Augusto
Do vosso Excelso Principe adorado:
Vêde-o, Mortaes, prostai-vos, conhecei-o.

SCENA 5.ª (1)

GENIO TUTELAR DO CABO FRIO

As feições, o semblante, o gesto mostrão
Daquella alma as virtudes, e a belleza,
Pois que por sabia ley da natureza
Destas aquelles são os mostradores:
Já no Templo da Gloria collocado,
Pelas mesmas virtudes, que o coroão,
Vêde a seus pés prostado, e reverente
O Monarcha dos Rios do Universo:
Vêde a America toda d'outro lado
Render-lhe o seu tributo, e vassalagem:
A pura lealdade ali apparece
Dos ternos, dos sinceros Brazileiros;
E do publico bem o amor que anima
O Regio Peito, que o abrasa, e move
A sacrificios mil pelo seu povo;
A quem de riscos perservar intenta,

(1) Apparece o Retrato de S. Alteza Real, collocado no templo da Gloria, magnificamente illuminado, e acompanhado de varias figuras emblematicas, proprias e allusivas ás circumstancias presentes, servindo-lhe de pedestal o Busto do Exm.º actual Governador e Capitão General do Estado do Pará: Logo que apparece o Retrato cala-se por alguns momentos o Genio do Cabo Frio, e faz certa pauza, durante a qual estará com os olhos fitos no mesmo Retrato, até que proseguindo diz como se segue acima.

Expondo-se a si mesmo á móres riscos:
Serve de Pedestral ao seu Augusto
Do illustre Magalhães o nobre Busto,
Varão, que ha longo tempo estimo e prézo;
Que no Sul já de louros vi c'roado,
Ali na Patria Rossilhon ganhados;
E que agora nas margens do Amazona
Deste Governo em suas Mãos sustenta
O auro bastão pezado, e nos seus hombros
Descança de João seguro Sceptro (1)

CÔRO DAS NYMPHAS

Do largo Amazonas,
Ledos moradores
O Ceo vos envia
Immensos favores.

Hé este o Dia
Do vosso Augusto
E o Céo vos manda
Seu proprio Busto

Penhor singular
Da maior ventura,
Caro, dôce objecto
Da nossa ternura

O nosso affecto
O nosso amor
Fieis consagramos
A tal Senhor.

---

(1) A' estas ultimas palavras do Genio immediatamente segue, e canta o Côro das Nymphas do Amazonas as quaes se figurão dentro das suas grutas, e que d'ahi sahem as vózes, pela impossibilidade que houve (visto á brevidade do tempo, e outras circumstancias) de se apromptarem as figuras necessarias, que deviam apparecer, e compor o dito Côro na parte exterior do Theatro ou do Tablado. O que fica já prevenido na Scena 3.ª, e no fim da ultima falla da Nympha do Amazonas. Emquanto dura o Canto das Nymphas, vai muito lentamente caminhando o Genio para aquella parte, de onde parecem sahir as vózes e por ahi mesmo se retira.

BINDING SECT. DEC 20 1977

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

PQ 9697 A772 1899

Aranha, Bento de Figueiredo
Tenreiro
Obras

UTL AT DOWNSVIEW
D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 11 10 15 13 015 6